

OS VERDADEIROS ESPÍRITAS

Um aprendiz do Evangelho

2.012

Reconhece-se o verdadeiro espírita pelos esforços que empreende para domar suas más tendências.

(Allan Kardec)

Fora da caridade não há salvação.

(Allan Kardec)

Espíritas, amai-vos e instruí-vos.

(Allan Kardec)

ÍNDICE

Introdução

1 – Alguns modelos

1.1 – Jesus

1.2 – Allan Kardec

1.3 – Adolfo Bezerra de Menezes

1.4 – Francisco Cândido Xavier

1.5 – Yvonne do Amaral Pereira

1.6 – Divaldo Pereira Franco

2 – As virtudes

2.1 – O Amor

2.2 – A compreensão

2.3 – A doçura

2.4 – A firmeza

2.5 – A vontade

2.6 – A perseverança

2.7 – A harmonia

2.8 – O rigor

2.9 – A disciplina

2.10 – A esperança

2.11 – A fé

2.12 – O devotamento

2.13 – A valentia

2.14 - A coragem

2.15 – A força

2.16 – A caridade

2.17 – A indulgência

2.18 – A benevolência

2.19 – A humildade

2.20 – A resignação

2.21 – A aceitação

2.22 – O perdão

2.23 – A abnegação

2.24 – A fraternidade

3 – Alguns desvios

3.1 – O elitismo

3.2 – “A fogueira das vaidades”

3.3 – Alguns Centros Espíritas sem simplicidade

3.4 – Apego aos interesses materiais

3.4.1 – As loterias

3.4.2 – O sucesso profissional

Conclusões

INTRODUÇÃO

Allan Kardec, como se sabe, diretamente orientado pelos Espíritos Superiores, dentre os quais o Espírito de Verdade, se preocupou em traçar o perfil dos verdadeiros espíritas - uma vez que, conhecedor das fraquezas humanas, manifestadas na vida cotidiana, além do que revela a trajetória do próprio Cristianismo, que tinha começado com a presença dos “humildes de coração” e, a partir de determinado momento histórico, foi assenhoreado pelos ambiciosos, que o desvirtuaram – afirmou: *“Reconhece-se o verdadeiro espírita pelos esforços que empreende para domar suas más tendências.”* Com isso, estava não querendo elitizar a Doutrina dos Espíritos, exigindo atestado de santidade de quem quisesse conhecê-la e aperfeiçoar-se intelecto-moralmente ao seu contato, pois que Jesus veio ao mundo terreno principalmente para ensinar a Verdade aos necessitados da autorreforma moral, tanto que disse: *“O doente é que necessita do médico.”* Longe dos Espíritos Superiores, portanto, a falsa ideia de exclusão de quem ainda se caracterizasse pelas falhas ético-morais. Todavia, alertaram para a necessidade da autorreforma, não por conta de eventual crítica dos detratores contra o Espiritismo pelo fato de sermos ainda incoerentes, na nossa vida particular e pública, com os postulados estabelecidos pelas Leis Divinas, mas para que nós mesmos progridamos intelecto-moralmente no contato com a Doutrina Atualizada de Jesus e não apenas componhamos estatísticas na qualidade de seus adeptos. Em outras palavras, “é preciso que a Doutrina entre em nós ao invés de simplesmente estarmos na Doutrina”.

Outra afirmação de Kardec é importante para nossa vida como espíritas: *“Fora da caridade não há salvação.”* no

sentido de que pratiquemos a caridade no seu sentido mais amplo e não apenas que demos do nosso supérfluo aos pobres.

Também é de refletir sobre sua orientação: *“Espíritas, amai-vos e instruí-vos.”*, não importando se enunciou esse conselho nessa sequência de palavras ou o contrário, porque é certo que considerava como mais importante o Amor Universal que o simples conhecimento das Leis Divinas.

Em suma, o presente estudo pretende levar-nos à reflexão sobre a necessidade da autorreforma moral, a fim de que sejamos felizes e proporcionemos a oportunidade da felicidade aos nossos irmãos e irmãs em humanidade.

Aproveitaremos neste modesto estudo o conteúdo de uma outra obra, que aqui será inserida, com as adaptações necessárias, intitulada *“A Evolução Moral”*, cuja Introdução segue abaixo.

.....

O presente estudo se baseia no *“Dictionnaire des concepts spirites”*, editado pelo Institut Amélie Boudet de recherche et d’enseignement spirite, de Paris, entidade jurídica dirigida pelo Espírito Amélie Boudet, no qual os Espíritos Superiores que o ditaram, supervisionados pelo Espírito de Verdade, informam, na sua parte introdutória, que a evolução moral se processa pela aquisição das 24 qualidades morais referidas nos itens do índice acima, sendo as dos números 1 a 8 as principais enquanto que as relacionadas nos respectivos subitens lhes são subordinadas, todavia, fazendo os Autores Espirituais questão de esclarecer que todas as 23 últimas virtudes são meros desdobramentos da primeira, que é o Amor. Afirmam também que a menção a essas 23 virtudes se faz necessária porque, no nível evolutivo em que estamos, simplesmente falar no Amor é insuficiente

para nossa compreensão integral do que ele representa, sendo conveniente desdobrar esse conceito para fins didáticos.

Tratam-se os ensinamentos de uma continuidade da Revelação Espírita, endereçada presentemente ao mundo islâmico, sendo que depois terão por foco contribuir com o Judaísmo, após com o Budismo e, posteriormente, com as demais religiões. Realmente, percebe-se uma lógica nessa afirmativa, porque a Doutrina Espírita tem servido, basicamente, desde sua concretização na Terra, há um século e meio, para o esclarecimento intelecto-moral dos adeptos do Cristianismo, além dos que se declaram materialistas, não conseguindo quase nenhum acesso às demais correntes religiosas, talvez pelo fato mesmo de haver um planejamento superior nesse sentido. Jesus, todavia, na Sua Divina Misericórdia e Sabedoria, na certa, preocupa-se em fazer chegar Seus Ensinamentos, atualizados pela Terceira Revelação, aos demais crentes e aos descrentes. A atual meta se constituindo em influenciar o Islamismo, introduzindo nele as noções espíritas, representa uma nova frente de trabalho de esclarecimento, dirigida pelos Espíritos Superiores que já faziam parte da Equipe que trabalhou junto ao Codificador, à qual se agregaram vários missionários de Jesus conhecidos dos adeptos da ideologia islâmica, estes últimos que, naturalmente, terão melhores argumentos, maior empatia e autoridade moral para falar aos seus irmãos e irmãs de crença, auxiliando-os na compreensão da progressividade da Revelação Divina à humanidade. Louvado seja o Divino Governador da Terra, nosso Mestre Amado, por Seu Amor, que não deixa sem a devida assistência nenhum dos Seus pupilos.

Não sabemos como se processará a divulgação, no mundo islâmico, do Dicionário e outras obras que forem surgindo, mas podemos imaginar que o planejamento espiritual tenha incluído a encarnação de missionários de alta hierarquia nos países-alvo e, então, talvez venhamos a assistir a verdadeiros prodígios em termos de renovação espiritual, tal como ocorreu na França na época de Kardec e no Brasil a partir de Francisco Cândido Xavier.

Devemos esclarecer os prezados Leitores que os comentários feitos em cada item e subitem não se baseiam no Dicionário, porque é vedada sua transcrição sem autorização do Institut, sendo, porém, da pura lavra deste modesto aprendiz do Evangelho.

Sem nenhuma pretensão de supervalorizar este texto, devemos dizer que seu estudo metodizado pode ser útil nos grupos de estudo, não pelo mérito, inexistente, dos comentários, mas sim pela listagem pura e simples das 24 virtudes.

Que Deus abençoe os prezados Leitores para que, analisando as virtudes aqui relacionadas e incorporando-as ao seu mundo interior, vivam felizes e contribuam para a felicidade dos nossos irmãos e irmãs em humanidade.

Agradecemos a Deus o acesso ao Dicionário e a oportunidade de divulgá-lo, apesar das limitações intelecto-morais que nos caracterizam.

.....

O autor

1 – ALGUNS MODELOS

Certa feita Divaldo Pereira Franco afirmou que o estudo mais importante que podemos realizar é sobre a biografia de Jesus, no que tem razão integralmente, uma vez que, tomando ciência de Suas atitudes em cada momento de Sua encarnação, teríamos o referencial mais perfeito, compatível com o nosso grau de evolução intelecto-moral.

Aconselha-se, aos espíritas, que, ao lado das Obras da Codificação e as complementares, estudem a biografia dos missionários que ajudaram a implantar no mundo terreno a Doutrina dos Espíritos.

Relacionamos abaixo alguns desses modelos, representados naqueles que realizaram a autorreforma moral.

1.1 – JESUS

Alguém pode achar que escrever sobre Jesus Cristo seja “chover no molhado”, uma vez que muitos religiosos, filósofos e historiadores já se debruçaram sobre Sua vida e Sua ideologia. Todavia, se não estivermos dizendo nada de novo, no mínimo, este texto representará uma manifestação de gratidão a esse Luminar a quem devemos as mais importantes melhorias na essência ético-moral da humanidade.

Realmente, se compararmos o desenvolvimento dos muitos milênios que antecederam a vida de Jesus com o que sucedeu após esse evento, concluiremos que o progresso ético-moral dos últimos vinte séculos foi incomparavelmente maior.

Nem o Egito, nem Roma e Grécia, nem China e Índia, nem as civilizações americanas ou até os desaparecidos continentes da Atlântida ou da Lemúria, avançaram tanto nas realizações da Ética e da Moral quanto o que se concretizou por influência da ideologia cristã.

Infelizmente, grande parte dos sacerdotes que se propôs a representar Aquele Homem Perfeito perdeu-se no dédalo das disputas pelo poder temporal e acabou corrompendo Sua Doutrina e ensinou-a mutilada, impedindo as reflexões sobre sua essência verdadeira.

Assim é que Concílios infelizes se realizaram, deturpando a Verdade e passando a pregar a impostura em lugar daquilo que Jesus Cristo realmente ensinou.

Não pretendemos debater com aqueles que negam a própria existência histórica de Jesus, os quais merecem pena pela sua descrença, chegando ao ponto de duvidar de um fato histórico. Que continuem pesquisando, mas de boa-fé, com autêntica intenção de encontrar a Verdade.

Comecemos do começo, ou seja, das referências que vários profetas fizeram sobre Aquele que nasceria para mudar o mundo.

O mais expressivo desses profetas foi o próprio primo de Jesus, ou seja, João, filho de Isabel, que ficou conhecido como João Batista, o qual anunciava a vinda do Messias, no início, sem saber que Ele era seu próprio parente.

Tomando conhecimento de que o Messias era Ele, passou a revelar o fato entre o povo. Esse anúncio chamou a atenção das pessoas e fez com que muitas delas passassem a ouvir e atentar para as lições que Jesus lhes ia ministrando. Esse profeta ficou conhecido também como o Precursor.

Nasceu Jesus de um casal pobre, mas há um detalhe notável: Seu pai era descendente em linha reta da melhor cepa de Israel, ou seja, dos Pais daquela pátria: linhagem nobilíssima, herdando Ele geneticamente o que havia de mais aperfeiçoado naquele povo.

O pai era carpinteiro habilidoso e ensinou ao Filho a profissão, tal como acontecia naquela época, em que os meninos, desde cedo, eram preparados para o trabalho. Morreu no início da adolescência do Filho, tendo havido uma convivência menor do que a tida com a Mãe, que chamamos de Mãe Santíssima.

A Mãe desempenhou um papel muito importante na vida de Jesus, vendo-se nos próprios Evangelhos muitas passagens em que ela é mencionada. O fato de ter convivido muito com Ele deve ter como explicação sua utilidade na divulgação da Doutrina do Filho. Taylor Caldwell, no seu livro intitulado “Médico de Homens e de Almas”, afirma que Lucas colheu as mais importantes informações sobre Jesus e Sua Doutrina da boca de Maria, durante o tempo em que esteve em visita a ela

em sua humilde residência. Posteriormente, quando ela passou a habitar na ilha de Patmos em companhia do apóstolo João, que adotou como filho, continuou naquele trabalho de divulgação, ficando conhecida sua moradia como a Casa da Santíssima.

O destaque que a Mãe adquiriu com o decorrer do tempo não representa mero favor ou pieguismo, mas fruto da beleza interior daquela que se tornou uma grande propagadora, em vida, das ideias do Filho e, futuramente, passou a representar o símbolo do mais puro e elevado do Amor feminino. Fica aqui registrado nosso sentido preito de afeição e gratidão a essa Nossa Simbólica Mãe e Mãe de toda a humanidade.

O nascimento de Jesus num meio pobre deve ter tido como finalidade ensinar às gerações o “desapego” às coisas materiais: não uma mal disfarçada inveja à riqueza alheia, mas sim o “desapego espontâneo”. Jesus visava ensinar o melhor padrão ético-moral para a humanidade: por isso cada detalhe da Sua vida e das Suas palavras é fonte de ensinamentos importantes.

Infelizmente, muitos estudiosos se preocupam com aspectos meramente culturais e científicos da Sua vida e das Suas palavras e esquecem a essência das Suas Lições, que podem ser resumidas na Fraternidade entre todos os seres e no Amor ao Pai. Sua Doutrina está centrada nisso. O mais são desdobramentos, que têm gerado muita dissensão e muita desavença, surgindo daí as várias correntes: Catolicismo, Protestantismo etc. No fundo, essas divergências são produtos infelizes da vaidade, orgulho e egoísmo dos adeptos, que, ao invés de praticarem a Doutrina, querem sobrepujar-se aos demais...

Então, nascido pobre, frequentou apenas a “escola do trabalho”, sob orientação do Seu pai, como era comum aos meninos da época. Não aprendeu Sua Filosofia em contato com os essênios, ao contrário do que alguns supõem. Nem também esteve em viagem pela Índia e outros países, como outros afirmam. Sua profundidade e amplitude de visão se devem a Si próprio e não a eventuais professores, porque Ele é o Mestre dos mestres e não o contrário.

Sua infância foi dedicada ao trabalho como carpinteiro, ao lado do pai.

Na adolescência, conta-se, andou pelo seu país divulgando algumas noções daquilo que futuramente iria propagar como Sua Doutrina. O período que vai dos 13 aos 30 anos não é mencionado pelos evangelistas, mas pode, muito bem, ser interpretado como de Sua pregação menos pública, mas igualmente importante.

Todavia, não compensa discutir-se sobre o que Ele realizou naquele período, entretecendo-se mais um motivo para discussões inúteis. O importante são Suas ideias e não os detalhes secundários, como sobre a partir de qual idade começou a divulgar Sua Doutrina.

Digamos que tenha começado a fazer prosélitos aos 13 ou aos 30 anos: o que isso importa? – Nada.

Então, feita a menção em que acreditamos, passemos adiante, à fase em que, aos 30 anos, depois de anunciado por João Batista, passou a falar identificado por cada vez maior número de pessoas como sendo o Messias Esperado.

Dos 30 aos 33 anos andou por todo o país, conviveu com todas as pessoas que O procuravam e ensinou o Amor a Deus e a Fraternidade.

Aperfeiçoando os ensinamentos antigos de Moisés e dos profetas antigos, mostrou a figura não de um Deus “Senhor dos Exércitos” ou um “Senhor vingativo e rancoroso”, mas de um Pai Amoroso: essa foi uma mudança radical do enfoque sobre o tema Deus, o que mostra a superioridade da ideia cristã sobre todas as demais formas de crença na Divindade. Infelizmente, até hoje grande parte dos próprios cristãos tem uma ideia de Deus incompatível com a da pregação cristã, pois, julgando Deus um Ser castigador, tenta comprá-l’O com promessas ao invés de confiar n’Ele como nosso Orientador, que nunca castiga, mas apenas ensina por vários meios, inclusive as doenças e outros sofrimentos, tudo dentro de uma Pedagogia baseada no Amor.

Outra lição do Mestre dos mestres foi a Fraternidade, também chamada Amor Universal. O amor entre marido e mulher e entre estes e seus filhos é só um início, um começo, do Amor que devemos ir desenvolvendo até atingirmos, um dia, o Amor Universal, pois o Amor que se limita às quatro paredes de um lar muitas vezes representa apenas o egoísmo de um grupo familiar, o que é muito pouco em relação ao universo de pessoas que forma a humanidade. É preciso ter um coração muito pequeno e u’a mente muito estreita para pensar somente nas pessoas que compõem nossa família. Devemos ser universalistas.

Jesus era alegre, comunicativo, amoroso com todos e não um homem sisudo ou taciturno: ouvia as pessoas afetuosamente e procurava orientá-las para sua melhoria ético-moral. Vez por outra repreendeu um ou outro, mas sem nunca ferir sua dignidade, pois sabia que se agiam de forma antiética era por incapacidade de alcançar um padrão de vida mais perfeito. Nunca se impacientou com os equivocados, os

viciosos e os maldosos, mas sim procurou elevar-lhes a compreensão.

Sua morte é tratada por alguns como um evento terrificante, chegando alguns autores a detalhes cruéis sobre sua crucificação, indiretamente criando um ambiente negativo, supervalorizando o sofrimento físico e esquecendo-se de que tudo foi uma forma de identificar o Messias apontado pelos profetas antigos.

Os sacerdotes da Religião Oficial da época não admitiam que o Messias pregasse uma Doutrina diferente da sua, diminuindo-lhes indiretamente a autoridade junto ao povo, que esses sacerdotes exploravam inclusive financeiramente. O Messias atingiu aquela elite principalmente “no bolso” e, por isso, pensou-se em eliminá-l’O, em calar Sua Voz. Todavia, logo depois de Lhe tirarem a vida do corpo, apareceu para Seus seguidores e as pessoas de boa-vontade. Com isso, visava divulgar a certeza de que a morte mata o corpo, mas a alma continua viva. Essa igualmente uma das revelações mais importantes feita por Ele à humanidade. Até então, apenas poucas pessoas tinham certeza da sobrevivência da alma após a morte, sendo esse conhecimento reservado principalmente aos sacerdotes mais graduados das várias Religiões. Trata-se do Esoterismo.

Infelizmente, até hoje há cristãos que duvidam da vida após a morte e afirmam que, com a morte, tudo acaba e que, inclusive, somos apenas e corpo e que não existe alma.

Uma das mais importantes afirmações de Jesus foi sobre a reencarnação, ou seja, que os homens e mulheres vivem, não uma única vida, mas inúmeras. O episódio em que Ele confirma que João Batista é o profeta Elias em encarnação seguinte não pode deixar dúvidas. Na verdade, essa dúvida

passou a ocorrer apenas após o lamentável Concílio de Constantinopla, em que as autoridades católicas houveram por bem impedir que continuasse adotando-se a crença reencarnacionista dentro do Cristianismo ao condenar as obras de Orígenes (que era reencarnacionista).

Esse atentado contra a Verdade causa prejuízos até hoje, pois a maioria dos cristãos duvida da reencarnação e pensa que vivemos apenas uma vez e que, morrendo, nosso destino está selado pela eternidade no Inferno ou no Céu.

Um dos homens mais extraordinários que já se conheceu – Gandhi - afirmava ter passado a amar Jesus Cristo depois de ler o Sermão da Montanha, mas que não conseguia entender os cristãos, porque, mesmo sendo aparentemente seguidores de uma Alma tão perfeita, viviam de forma egoística e em desacordo com Suas Lições de Rara Beleza.

1.2 – ALLAN KARDEC PALAVRAS INICIAIS

Escrever sobre os Espíritos de grande evolução é, ao mesmo tempo, uma empreitada simples e complexa, simples porque sua vida costuma ser de uma linearidade luminosa, que os biógrafos materialistas ou ainda não despertados para as realidades espirituais consideram monótona e insípida, e complexa porque a sua superioridade apresenta várias facetas que nem sempre temos condições de perceber, pela distância intelecto-moral que medeia entre nós e eles.

É o caso de Allan Kardec, um dos mais eminentes Discípulos de Jesus, cuja biografia pode se resumir em poucas palavras: exercício cotidiano das virtudes (humildade, desapego e simplicidade), estudo metodizado tanto das questões do Conhecimento terreno quanto das Coisas do Pai e um desejo imenso de servir a Jesus, melhorando a “qualidade de vida” da humanidade.

É com a alma em festa que, aproximando-se o mês de abril, quando se comemora no meio espírita o lançamento da primeira edição de O Livro dos Espíritos, que venho a público trazer esta singela, mas sincera homenagem a esse Espírito de escol a quem cada um de nós, espíritas, deve muito, pela sua contribuição para o nosso progresso intelecto-moral.

SUA PREPARAÇÃO

Pode-se considerar que o período em que foi aluno de Pestalozzi representou sua principal preparação para o trabalho que, na idade madura, iria desempenhar como Codificador da Doutrina Espírita.

Aprendeu, ou melhor, rememorou, com seu mestre tudo aquilo que já trouxera na sua bagagem espiritual para a missão especialíssima junto aos trabalhadores encarnados e desencarnados encarregados de dar um impulso notável à

Doutrina Cristã, que, agora, além de abordar o tradicional aspecto religioso, iluminaria também os setores da Ciência e da Filosofia, sendo que o primeiro estava turbado pelas interpolações dos sacerdotes desviados das virtudes autênticas e os dois últimos achavam-se minados pelo materialismo. Em resumo, a humanidade deveria receber do Coração Misericordioso e Sábio do seu Divino Governador novas facetas da Verdade, conforme prometera ao falar no Consolador que enviaria: eram chegados os tempos.

Pestalozzi ensinava aos seus pupilos as virtudes cristãs ao lado dos Conhecimentos tradicionais da Cultura terrena.

Infelizmente, fazendo um parêntese, nos dias atuais, as escolas, tanto públicas quanto particulares, na sua maioria, apenas instruem os alunos nos Conhecimentos que visam prepará-los para o futuro exercício das profissões. Talvez somente aquelas que adotam a Pedagogia de Sathya Sai Baba, o recém desencarnado mestre indiano, realmente transmita aos alunos aquilo que todas deveriam fazer, ou seja, incluir como matéria curricular a prestação de serviços à comunidade.

A atual “crise” no Ensino se deve muito mais à falta de Amor do que de qualquer outra coisa, pois, baseados na ideia da “seleção natural” de Charles Darwin, os alunos são treinados para competir e suplantar seus colegas, ao invés de seguirem o pensamento de Jean-Baptiste Lamarck, que tinha detectado que na Natureza vigora o “colaboracionismo”. Assim, veem-se crianças, adolescentes, jovens e adultos disputadores, intolerantes, questionadores e intransigentes, formando uma sociedade onde as virtudes são cultivadas por poucos e onde o Dinheiro e o Poder são endeusados como verdadeiros objetivos de vida.

Todavia, os relativamente poucos trabalhadores conscientes do Bem são suficientes para impedir que se deflagrem mais graves conflitos sociais e que a humanidade

adentre a Nova Era, de regeneração, quando as pessoas olharão umas às outras nos olhos e se reconhecerão como irmãos e irmãs, filhos e filhas do mesmo Pai, que nos ama a todos com igual Amor.

O PROFESSOR

Lecionando várias disciplinas, escreveu livros de fácil compreensão, exercitando o estilo que adotaria nas obras da Codificação.

Ao mesmo tempo que aprofundava os vários temas abordados, adquirindo uma cultura enciclopédica, sua redação era acessível e direta, tal como devem ser os livros destinados aos leigos, sem pretensão de impressionar pelo vocabulário, mas sim esclarecer pela simplicidade.

O CODIFICADOR

Tomando conhecimento dos fenômenos mediúnicos, ao invés de simplesmente procurar satisfazer a curiosidade, como fazia a maioria das pessoas do seu tempo, passou a indagar dos Espíritos manifestantes sobre uma série de questões e, com base nas informações deles, conjugadas com suas próprias reflexões, foi organizando um livro onde estariam condensadas as conclusões mais importantes, que é a primeira edição de O Livro dos Espíritos.

Confirmada sua missão pelo próprio Divino Governador da Terra, seguiu adiante, coletando dados e elaborando os livros que se seguiram, que compõem as obras da Codificação.

Como se sabe, não se limitou a simplesmente escrever, mas fundou uma Entidade para reuniões dos espíritas (a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas), proferiu dezenas ou centenas de palestras em várias cidades europeias e, em relativamente pouco tempo, fez a novel Doutrina conhecida praticamente no mundo inteiro.

Desencarnando, seus continuadores prosseguiram na divulgação do Espiritismo, até que, pelo Planejamento Superior, veio aportar no Brasil para daqui irradiar-se por todos os rincões, mas, a partir daí, sob um ângulo diferente daquele em que iniciou sua trajetória na Europa: o aspecto religioso, que antes não tinha condições de ser tão destacado, por causa da indisposição dos europeus pelas religiões em geral, que, aqui no Brasil, ficou em primeiro plano, centrando-se na “reforma moral” pregada por Jesus.

Allan Kardec afirmou: *“Reconhece-se o verdadeiro espírita pelo esforço que faz por domar suas más inclinações.”* Esse é o atual Espiritismo, que também tem contribuído para a humanização da Ciência e da Filosofia, conforme podemos observar, sobretudo, pelos métodos recentes adotados por vários médicos, pedagogos, psicólogos etc.

Os segmentos culturais e profissionais do mundo de regeneração deverão, na certa, ser cada vez mais influenciados pelas informações provenientes do mundo espiritual, retratadas nas obras da Codificação e das complementares, sobretudo as psicografadas por Francisco Cândido Xavier e Divaldo Pereira Franco, além das que surgirem posteriormente, com esse grau de qualidade.

Louvemos Allan Kardec, mas, sobretudo, estudemos suas obras e sigamos seus exemplos de virtudes colocadas em prática, pois assim estaremos prestando-lhe nossa verdadeira homenagem!

1.3 – ADOLFO BEZERRA DE MENEZES

Os valores definitivos são aqueles consagrados no mundo espiritual e não os que se consideram na sociedade dos encarnados, sendo que, por isso, os heróis, líderes, intelectuais e homens e mulheres que normalmente brilham nas instituições terrenas comparecem perante a realidade espiritual na posição de mendigos, com as mãos estendidas em súplicas pungentes pelos equívocos cometidos, compromissos espirituais deixados de lado e carentes de urgente reforma moral, enquanto que muitos que aqui vivem em completo anonimato, exercendo profissões e trabalhos considerados menores ou até insignificantes, são recebidos como missionários que “venceram o mundo” tal como Jesus afirmou quanto a Si próprio: “Eu venci o mundo”, não em atitude arrogante, mas ensinando-nos a superar os atavismos interiores, que nos fazem dar valor exagerado às coisas e interesses materiais.

Bezerra de Menezes, quando ainda no mundo espiritual, foi encarregado de reencarnar no Brasil a fim de trabalhar pela unificação do movimento espírita, uma vez que as divergências grassavam mais por conta do amor-próprio de muitos adeptos do que por causa de quaisquer outros fatores. Assim, renasceu num corpo de carne, mais uma vez, o Espírito luminoso daquele que tinha encontrado Jesus como Zaqueu e, que, “caindo em si”, reconheceu a precariedade dos interesses mundanos e passou a ser mais um dentre os mais fiéis seguidores do Divino Mestre.

Bezerra não foi escolhido por ser o mais intelectualizado dos servidores do Cristo; nem pela sua oratória, que arrastasse multidões; nem por uma capacidade de comandar como o fazem os que se habituaram a dar ordens e ser

obedecidos; mas sim pela sua notável capacidade de aceitar o diálogo simples e sincero com naturalidade, nunca se julgando superior aos que pensam de forma diferente da sua, bem como pela paciência e caridade espontâneas, que faziam dele um porto seguro para qualquer tipo de pedido de ajuda.

Fiel devoto de Maria de Nazaré, a quem sempre chamou de “Mãe Santíssima”, refletia na sua conduta pessoal a d’Aquele que é a Mãe simbólica da humanidade da Terra, ou seja, a que recebe no Seu regaço maternal todas as súplicas, mesmo as daqueles que, por orgulho, não Lhe dirigem diretamente seus pedidos de socorro de que carecem.

Assim tem sido Bezerra desde quando Zaquieu deixou suas riquezas materiais para trás, indenizando todos a quem prejudicou, seguindo as pegadas do seu Divino Pastor e, aos poucos, credenciando-se como um dos mais importantes servidores de todos, pois muito cresceu sua capacidade de Amar Universalmente.

O movimento de unificação deve muito a ele, que, todavia, não pode obrigar aos que ainda trazem o fermento da discórdia a desistirem do personalismo e pensarem que o proprietário da Vinha é Deus e que somente Jesus é o Pastor, sendo todos nós meras ovelhas do Seu Rebanho, de quem Ele cuida com desvelos que sequer temos capacidade de avaliar.

Divergências de pontos de vista não devem nunca prejudicar a irmandade que nos coloca sob o “jugo suave” do Divino Mestre, O qual aceitou apenas o qualificativo de professor, pois que o é realmente.

Se não temos ainda condições de conviver irmãmente com nossos próprios confrades, quanto mais teremos recursos internos para enxergarmos como irmãos e irmãs os adeptos de outras crenças e aqueles que em nada creem!

Mesmo Bezerra tendo permanecido à frente do movimento unificador depois de sua desencarnação, ainda não conseguiu pacificar todos os corações, que se emocionam com suas falas e escritos de alta sensibilidade moral, mas logo retornam às rixas e disputas em torno de interpretações doutrinárias ou postos de comando na Obra, esses que não nos pertencem, pois que somos meros servidores que muito devem e poucos méritos possuem, ao contrário de Bezerra, que, se ainda trouxesse um mínimo resquício de egoísmo, já estaria em mundo muito superior ao nosso.

A homenagem que devemos prestar a esse humilde servidor de todos, que é um dos Grandes no Reino dos Céus, é ensarilharmos as armas da animosidade e da incompreensão recíproca e trabalharmos todos ouvindo pacientemente as opiniões divergentes e respeitando os pontos de vista de cada um, pois unificação não significa impedir a liberdade de pensamento, mas sim estarmos unidos pelo Amor Universal, sob o comando de Jesus e obedientes à Lei Divina do *“Amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos.”*

1.4 – FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

Se é verdade que Allan Kardec foi encarregado de reunir os Ensinos dos Espíritos, organizando-os e apresentando-os de forma didática, para implantar-se no mundo terreno a Doutrina Espírita, coube a Francisco Cândido Xavier, na sua missão de médium, servir de intermediário para Emmanuel, André Luiz e outros Espíritos Superiores, trazerem para os encarnados os conhecimentos que significariam o desdobramento das informações divulgadas pelo mestre lionês.

Sem Francisco Xavier, que psicografou mais de quatro centenas de livros, além de milhares de mensagens, o Espiritismo seria mais ou menos o mesmo que o Cristianismo primitivo sem Paulo de Tarso.

O que diferenciava o médium mineiro era sua entrega total ao Ideal do Cristo, manifestada desde seus primeiros anos de vida, aliás, repleta de renúncias inimagináveis para a maioria dos seres humanos que ainda não realizaram a autorreforma moral.

Chico, como preferia ser chamado, viveu uma infância onde os sofrimentos foram superlativos, passou pela adolescência trabalhando em serviço estafante, continuou até sua aposentadoria exercendo profissões apagadas, teve oportunidade de frequentar pouco o colégio e dedicou-se à mediunidade desde os verdes anos da sua extraordinária trajetória terrena até sua desencarnação longeva e equiparável à de Francisco de Assis e outros Luminares da humanidade.

Quando Emmanuel lhe apareceu à vidência pela primeira vez, estabeleceu como regra de trabalho na mediunidade a tríade: “disciplina, disciplina e disciplina,” o

que foi cumprido sem qualquer desvio, possibilitando que se materializassem no mundo terreno as informações julgadas importantes para a progressividade da Revelação, compatível com a capacidade de assimilação dos encarnados.

Talvez, nessa quantidade e variedade incalculável de dados, o que mais tenha marcado os encarnados, impulsionando-os intelecto-moralmente, tenham sido as revelações de André Luiz sobre o mundo espiritual e as memoráveis análises de Emmanuel sobre lições evangélicas, que ele esclareceu e desdobrou em conselhos para a vida diária, tudo encaminhando as criaturas para a autorreforma íntima, com base na Moral do Cristo.

Se apenas tivesse psicografado as obras que vieram do mundo espiritual através das suas mãos dedicadas ao Bem, já teria prestado um imenso benefício à humanidade, mas não se restringiu a isso o missionário de Pedro Leopoldo, porque, no seu contato com as pessoas que tiveram a felicidade de vê-lo de perto e também aquelas outras que tomaram conhecimento da sua forma verdadeiramente cristã de viver, contribuiu para mudar o rumo de milhares de vidas, acrescentando-lhes a fé no Amor Universal, que irmana toda a humanidade.

Inclusive adeptos de outras crenças tiveram em Chico Xavier um exemplo a ser seguido, tanto quanto se têm como unanimidades universais Mohandas Gandhi, Madre Teresa de Calcutá, Francisco de Assis, João XXIII e João Paulo II, dentre outros.

Nunca exerceu, na Doutrina Espírita, outra função que não a de médium, fazendo questão de mostrar-se como mero intermediário dos Espíritos, jamais se apresentando como chefe, dirigente, modelo ou qualquer referencial de destaque pessoal. Aliás, se assim o fizesse, teria falhado na sua missão,

pois que a humildade, o desapego e a simplicidade são requisitos imprescindíveis para alguém se tornar um canal humano para os Espíritos Superiores.

Autoqualificando-se como servidor imperfeito, o que realmente se reconhecia, punha-se em condições de sintonia com a Verdade, representada pelas lições dos Espíritos Superiores, com os quais mantinha contato, sem deixar de procurar servir à causa da caridade junto aos Espíritos sofredores, bem como enxergar em cada encarnado um irmão ou uma irmã muito queridos, a quem procurava ajudar de variadas formas.

Na verdade, sua longa existência possibilitou o máximo de desenvolvimento da Doutrina Espírita, que lhe deve tanto quanto a Allan Kardec, pois a popularizou, fazendo-a acessível a milhões de pessoas, sobretudo no Brasil, para onde Jesus tinha transplantado a Árvore do Evangelho, conforme relata Humberto de Campos, em “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, psicografada pelo próprio Francisco Cândido Xavier.

Afirma-se que prometeu reencarnar brevemente, a fim de continuar servindo à humanidade encarnada, como fiel adepto do Cristo, o que, na verdade, estará representando uma necessidade para todos nós, que, sem as orientações dos Espíritos Superiores, caminhamos quase às cegas, com a pouca luz que trazemos dentro de nós.

Todavia, homenagear esse Espírito Superior, que é Chico Xavier, não será fazendo-lhe elogios, que, aliás, o constrangem e desagradam, como “lodo verbal”, como entende acertadamente André Luiz, mas seguindo-lhe os exemplos de prática das virtudes, dentre as quais a de enxergar em cada ser humano o que ele tem de melhor e

**trabalhando pela união de todos na implantação da
Fraternidade Universal.**

1.5 – YVONNE DO AMARAL PEREIRA

Segue abaixo uma narrativa do médium sobre como conheceu a missionária, que viveu sua longa encarnação em favor da Causa de Jesus:

Quando se iniciou o ano de 1975 já tínhamos lido vários livros de Yvonne Pereira, pela qual sentíamos uma grande admiração. Todavia, nunca imaginamos poder conhecê-la pessoalmente. Afinal, nessa época tínhamos apenas 20 anos de idade e nem sabíamos onde ela morava.

Grande foi nossa satisfação quando uma tia, que a tinha conhecido, nos forneceu o telefone de D. Yvonne, que então morava no Bairro Piedade, no Rio de Janeiro.

Ligamos para ela dizendo-nos recém-aprovado no vestibular da Faculdade de Direito de Juiz de Fora, leitor dos seus livros e interessado em conhecê-la pessoalmente. Combinamos um dia para irmos à sua casa e, no dia combinado, aparecemos lá.

Qual não foi nossa grata surpresa em encontrar uma senhora de cerca de 70 anos de idade, vestida com extrema simplicidade, de pequena estatura, bastante obesa, dotada de imensa generosidade e uma visão muita ampla sobre a Cultura mundial.

Como admirador, à época, de Beethoven, Rousseau e outros grandes vultos da Cultura mundial, conversamos sobre eles, sempre com muita desenvoltura da parte da saudosa médium fluminense, que demonstrava ter uma bagagem respeitável de leituras.

Conversamos também muito sobre Espiritismo, mostrando ela muito conhecimento teórico do assunto.

Depois de umas duas horas de verdadeiro questionário a que se submeteu por generosidade, ela nos convidou para ir à sala de jantar onde sua irmã serviu uma grande fatia de torta de frango com um imenso copo de refrigerante. Para sustentar um jovem organismo aquele lanche foi mais do que

suficiente e confessamos que tivemos até dificuldade em terminá-lo, pois já estávamos mais do que satisfeito...

Enquanto lanchava ficamos pensando na generosidade daquelas duas senhoras, que nos atenderam, parece, com sacrifício para seus poucos rendimentos... pois, até pela simplicidade da moradia, era possível verificar que tinham dificuldades financeiras...

Voltamos novamente à sala e conversamos por mais algum tempo, até que D. Yvonne nos disse que seria bom ir nos encaminhando para a estação rodoviária, para pegar o ônibus para retornar a Juiz de Fora.

Concordamos e fomos para a rua, esperamos o ônibus urbano passar, mas, em determinado momento, ela achou por bem nos dar um dinheiro para tomar um táxi, afirmando que seria perigoso ficar esperando na rua. Confiando na sua orientação e, também sendo pobre, aceitamos o dinheiro, tomamos um táxi e fomos para o terminal rodoviário, onde pegamos o ônibus que nos retornou a Juiz de Fora.

No caminho, viemos pensando em tudo o que tinha acontecido, na simplicidade e grande coração de uma pessoa daquele nível intelectual e espiritual...

Daí a alguns dias escrevemos uma carta para D. Yvonne. Ela nos respondeu prontamente, seguindo o padrão que adotava de colocar uma flor seca junto com a carta e dentro do envelope vindo um papel muito delicado para impedir que a cola do envelope grudasse no papel da carta. Uma caligrafia muito bonita e um estilo elegante de escrever.

Informou-nos sobre Beethoven, dizendo que certa feita, depois de ler sua biografia, começou a orar pedindo a Deus que desse muita felicidade ao grande gênio da Música Universal. Daí a alguns dias ela o viu através da sua vidência, aparecendo ele muito bonito e luminoso dizendo-lhe que tinha vindo agradecer-lhe a oração... Disse-nos ela que Beethoven é um bom Espírito, apesar de ainda ligado ao nosso planeta, não sendo um Espírito tão evoluído quanto Mozart, o qual não é deste nosso globo, mas que veio aqui apenas cumprir a

missão luminosa de contribuir para o progresso da Arte Musical...

Falou-nos sobre Rousseau, que disse dever estar tentando resgatar suas faltas quanto à prática da Fraternidade, que pregou teoricamente, mas que negligenciou, principalmente quando entregou ao desamparo praticamente sua esposa e seus numerosos filhos...

Alguns anos se passaram, D. Yvonne desencarnou em 1984, continuando lendo seus muitos livros e aqueles que se foram escrevendo sobre ela...

Depois, lendo uma biografia da extraordinária médium e escritora, ficamos sabendo que ela nasceu em 24 de dezembro, por coincidência, tendo nossas filhas nascido também em 24 de dezembro...

Ficamos pensando: pode ser até um simples acaso, mas ficamos muito orgulhosos de nossas filhas terem nascido no mesmo dia dela, que também é próximo do dia do nascimento de Jesus...

Um dia ainda saberemos o porquê dessas "coincidências"... Até lá, ficamos felizes com esse privilégio e, muitas vezes, temos orado solicitando o apoio daquele coração maternal, ocasiões em que sentimos uma grande paz interior, na certa, induzida pelo seu suave magnetismo de alma dedicada ao ideal do Amor Universal!

1.6 – DIVALDO PEREIRA FRANCO

Se a Doutrina Espírita adquiriu, a partir do século XX, o caráter de Doutrina conhecida em todos os continentes, deve essa vitória, sobretudo, às renúncias dos médiuns Francisco Cândido Xavier, consagrando-se nas mais de quatro centenas de obras psicografadas, e da oratória inspirada de Divaldo Pereira Franco, além, é evidente, da dedicação a Jesus e Sua Causa por parte dos Espíritos Superiores que trabalharam em conjunto com eles, respectivamente, Emmanuel e Joanna de Ângelis, que direcionaram do mundo espiritual, as tarefas a ser cumpridas, em obediência a um planejamento que remonta ao Coração Misericordioso e Sábio de Jesus, o Divino Governador da Terra, que prepara a humanidade do nosso planeta para ingressar na Era da Regeneração, onde as virtudes começarão a preponderar.

Divaldo Franco, ao lado da sua missão de orador inspirado por Espíritos Superiores e médium psicógrafo, desenvolve, com seu primo Nilson de Souza Pereira, sob a supervisão direta do maternal Espírito Joanna de Ângelis, uma obra de assistência social talvez somente comparável ao que realizaram Francisco de Assis, Vicente de Paulo, Madre Teresa de Calcutá, Irmã Dulce e outros grandes missionários da Caridade.

Estando ainda encarnado, falar sobre as virtudes de Divaldo Franco seria ferir sua humildade, que ele faz questão de preservar, como verdadeiro discípulo de Jesus que o é. Todavia, há algumas biografias suas, cujo estudo se recomenda, inclusive uma de autoria da juiz-forana Suely Caldas Schubert.

2 – AS VIRTUDES

Como mencionado na Introdução, a virtude se resume no Amor, que Jesus ensinou, todavia, para fins didáticos, é estudada, para melhor compreensão, em 24 itens, que seguem abaixo.

2.1 – O AMOR

Primeiramente, devemos reconhecer que foi Jesus, o Sublime Governador da Terra, quem esclareceu melhor sobre o Amor, o qual, para o nosso nível de compreensão, pode ser representado por uma árvore, a partir da qual se projetam três ramos, que são: o Auto amor (Amor a si próprio), o Alo amor (Amor ao próximo) e o Amor a Deus.

Quanto ao Auto amor, devemos considerar que somos Espíritos medianos, ou seja, ligados a um mundo de provas e expiações, criados por Deus há mais ou menos dois bilhões de anos, como uma “semente espiritual” contendo todas as potencialidades, que nos fizeram evoluir através dos Reinos inferiores da Natureza até chegarmos ao que somos atualmente, aperfeiçoando-nos intelecto-moralmente rumo à categoria de Espíritos Puros, à qual pertencem Jesus e outros Espíritos muito superiores a Ele próprio. A expressão: “Vós sois deuses; vós podeis fazer tudo o que Eu faço e muito mais ainda” esclarece sobre a perfectibilidade de todos os seres. Esse progresso se faz através das reencarnações, a que todos os seres estão submetidos desde que “saíram das Mãos do Criador” até se tornarem Espíritos Puros, todavia, sempre seguindo adiante, pois não há para as criaturas a Perfeição Absoluta, esta que é apanágio somente do Pai. Os corpos que vamos ocupando são formados por seres inferiores a nós próprios, também encarnados, sendo que, por exemplo, na fase humana, são trilhões deles, encarnados na fase evolutiva de células que exercem determinadas tarefas especializadas, a quem auxiliamos na sua evolução através do contato fecundante com elas, que necessitam da nossa energia mais evoluída, sendo que, por outro lado, somos aperfeiçoados ao contato da energia superior que emana constantemente em

nosso favor, proveniente do magnetismo cheio de Amor e Sabedoria de Jesus, todavia, estando, acima de todos, o Poder Fecundante de Deus, como sustentação da existência de toda a Criação. Por essa razão, devemos compreender a interdependência entre todos os seres criados por Deus, através da irradiação espiritual de cada um, que alcança todos os demais e deles recebe, em contrapartida, sua irradiação, numa permuta incessante. Não há, no Universo, nenhuma estrutura isolada dessa teia de irradiações, fecundada pelo Pai Celestial. O máximo que podemos fazer é mudar de faixa vibratória, passando das mais inferiores às superiores, gradativamente deixando de serem escravos do primitivismo e alçando voo em direção aos estados em que se exerce o trabalho consciente em favor do nosso próprio progresso intelecto-moral e o dos demais irmãos e irmãs, pela forma de pensar, sentir e agir. Portanto, o Auto amor deve ser compreendido como a conscientização dessa realidade e o conseqüente investimento no próprio aperfeiçoamento intelecto-moral para integração em nível mais elevado nesse imenso concerto de dar e receber.

O Alo amor representa o trabalho, através do pensar, sentir e agir realizado conscientemente em favor do progresso dos demais seres, incluindo aqueles que estão vivenciando os primeiros degraus da evolução. Francisco de Assis chamava a todos de “irmãos” e “irmãs” e Francisco Cândido Xavier dirigia palavras carinhosas às plantas e aos animais. A Ecologia nada mais é do que um nome que a Ciência materialista dá ao Alo amor. Se devemos Amar nossos irmãos e irmãs inferiores na escala evolutiva, quanto mais aqueles e aquelas com os quais convivemos na coletividade humana à qual pertencemos e que vemos atravessando dificuldades de

variada ordem! Todavia, se os devemos auxiliar materialmente, cabe-nos, sobretudo, o dever de contribuir para seu aperfeiçoamento intelecto-moral, que lhes proporcionará a felicidade verdadeira, muito superior aos benefícios terrenos da saciedade do estômago, da saúde corporal e da oportunidade de estudar e trabalhar para o próprio sustento.

O Amor a Deus representa o máximo de compreensão intelecto-moral, pois somente os seres muito evoluídos merecem esse entendimento, o qual se vai aperfeiçoando à medida que evoluímos. Na verdade, Deus não distingue nenhum dos seres por Ele criado, mas vai-se revelando a cada um na medida em que cada um se faz capaz de compreendê-lo, assim como um pai ou uma mãe terrenos esclarecem seus filhos sobre aspectos mais complexos da vida quando eles vão passando da infância para a adolescência e assim por diante. Quando Jesus nos ensinou o “Pai Nosso”, tentou resumir naquelas poucas palavras tudo que podíamos esperar do Pai e saber sobre Ele. Com o advento da Doutrina Espírita, representando a Terceira Revelação, aprendemos mais sobre o Pai, devendo-se esclarecer que a progressividade da Revelação fará com que as próprias Lições dos Espíritos Superiores, compendiadas por Allan Kardec, sejam melhor esclarecidas na medida em que nos fizermos mais capacitados intelecto-moralmente para compreender a Verdade a que Jesus se referiu quando garantiu: “Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará.”. Quanto a Deus, somente nosso aperfeiçoamento pessoal possibilita Sua compreensão, em parte por intermédio das orientações dos Espíritos Superiores e em parte como consequência natural da nossa sublimação interior, que aumenta nosso contato consciente com Ele,

proporcionando-nos a felicidade, que cada um tem na justa medida do seu merecimento individual.

Conforme esclarecido pelos Espíritos Superiores que elaboraram o Dicionário, o Amor é a virtude mais importante, sendo as outras 23 suas simples ramificações. Por essa razão, aconselha-se que o estudo se faça na sequência em que foi elaborado este texto, para melhor aproveitamento.

2.2 – A COMPREENSÃO

A compreensão significa a capacidade de abranger a integralidade das situações e dos seres, o que somente Deus detém em grau absoluto. Os Espíritos Superiores detêm uma compreensão muito mais abrangente que a nossa, pois, inclusive, para eles não vigoram os referenciais de espaço e tempo, que nos limitam, devido à nossa inferioridade intelecto-moral. Foi justamente por essa precariedade que ainda nos caracteriza que Jesus recomendou: “Não julgueis.” Para reforçar esse conselho, disse: “Eu a ninguém julgo.” Estava, todavia, nos chamando a atenção para a seriedade de que se deve revestir o ato de analisar situações e pessoas, pois não temos em mãos todos os dados necessários para dar aos nossos julgamentos o necessário caráter pedagógico no seu sentido mais elevado, o que se caracteriza pelo impulsionamento evolutivo dos seres. Compreender representa abarcar uma gama enorme de dados, que nossa inteligência e nosso nível ético-moral somente vão adquirindo à medida que nós próprios vamos evoluindo. Por isso um Espírito Superior disse: “À medida que o juiz evolui adquire o direito de julgar”, regra essa que se aplica a todos os seres humanos, pois, assim procedendo, passarão cada vez mais a julgar com maior dose de Amor. A Justiça terrena não leva em conta esse fator, pois se limita a aplicar dispositivos legais ou a jurisprudência dos tribunais, através de regras nem sempre justas e humanitárias. Quando os Espíritos Superiores mencionaram, em “O Livro dos Espíritos”, como uma das Leis Morais a de Justiça, associaram-na imediatamente à do Amor e da Caridade. Compreender é um ato ligado à noção do Alo amor, ou seja, Amor ao próximo, que exige cautela, porque não detemos a suficiente compreensão do seu nível

evolutivo intelecto-moral; humildade, porque não conhecemos suficientemente nossa própria bagagem intelecto-moral, uma vez que normalmente não exercitamos o autoconhecimento; e, principalmente, porque, independente do nosso julgamento, o que prevalece é o julgamento de Deus, que se processa através das Suas Leis, que atuam de forma automática através da própria consciência de cada um, que premia ou corrige pelos seus pensamentos, sentimentos e ações. Em suma, nosso nível atual de evolução nos permite um grau pouco elevado de compreensão, todavia, devemos nos esforçar pelo nosso aperfeiçoamento, em benefício nosso e dos nossos irmãos e irmãs. Esforçarmo-nos por compreender é necessário para adquirirmos essa virtude, decorrente do Alo amor.

2.3 – A DOÇURA

Jesus, Modelo de todas as virtudes para nós, também nos mostrou como uma das qualidades morais a doçura, quando recebia as requisições de todas as pessoas com igual paciência e boa-vontade, mesmo se se tratavam das provenientes de quem vinha tentar prejudicá-l'O e à Sua Divina Missão de Amor e Sabedoria. Mesmo quando se dirigia a esses irmãos e irmãs mal intencionados ou a eles se referia, nunca deixou de exercitar a doçura, devendo-se interpretar Suas expressões verbais e outras formas de expressão com bom senso e nunca como formas de violência ou impaciência. Sabedor das limitações intelecto-morais dos Seus pupilos, que somos todos os habitantes da Terra, nunca poderia querer exigir que “as frutas verdes amadurecessem a peso de pancadas, mas que somente estariam maduras na época certa”, conforme a Lei da Evolução. Ensinou com paciência, repetindo muitas vezes as mesmas Lições, mesmo sabendo que, ao final de Sua encarnação, seria traído e abandonado pelos que mais Lhe receberam em termos de esclarecimentos. Todavia, aguardou que amadurecessem para iniciarem, de forma mais lúcida, a missão que traziam, na qualidade de grandes divulgadores da Verdade, inspirados por Ele. A doçura é apanágio dos Espíritos Superiores, que nunca se impacientam com as incompreensões de quem ainda não está preparado para entender a Verdade. Francisco de Assis, Francisco Cândido Xavier, Mohandas Gandhi, Madre Teresa de Calcutá e outros missionários do Bem sempre se conduziram com doçura, pois que ela é uma das manifestações mais elevadas do Amor Universal.

2.4 – A FIRMEZA

Firmeza é a condição psicológica que nos possibilita iniciar uma forma de pensar, sentir e agir e permanecer coerente com ela, apesar de todas as dificuldades que se lhe oponham. Como se vê, compreende dois momentos, que os Espíritos Superiores chamaram de vontade e perseverança, para fins didáticos. Para a prática de qualquer virtude é necessária a firmeza, pois tanto as oposições externas, representadas pelas circunstâncias adversas, quanto pelas pessoas que tentem nos dissuadir, quanto pelos nossos próprios atavismos, que tendem a nos manter atrelados aos padrões que adotamos no passado, quando ainda nos satisfazíamos com os modelos antiéticos. Sendo o Amor a virtude mais importante, como afirmam os Espíritos Superiores, da qual as demais são meros desdobramentos, para pensar, sentir e agir segundo ela, devemos nos imbuir de muita firmeza para dar o primeiro passo e continuar nessa senda, diariamente, até que se transforme em nossa “segunda natureza”, de tal forma que não corramos mais o risco de mudar de rumo, tamanha que será nossa inclinação para Amar nossos irmãos e irmãs, representados por todos os seres que Deus criou. Jesus, que sempre mencionamos como Modelo para todos os seres que habitam nosso planeta, sempre foi firme na Sua conduta, que, em momento algum, destoou da Ética Divina que veio ensinar. Poderia ter compactuado com alguma situação ou pessoa que Lhe concedesse facilidades que O levassem a trair os Princípios Morais traçados nas Leis Divinas ou, então, por outro lado, intimidar-Se com as pressões que muitos tentaram Lhe impor, inclusive com Sua condenação à morte, todavia, manteve-Se sempre firme, inabalável, incorruptível, superior a qualquer

possibilidade de desviar-Se da Sua Missão de Amor e Sabedoria. Abaixo da exemplificação de Jesus, vemos igualmente firmes os grandes missionários por Ele enviados, como Sócrates, Francisco de Assis, Francisco Cândido Xavier, Mohandas Gandhi, Madre Teresa de Calcutá e outros, que atravessaram a existência solidamente escorados por sua própria firmeza interior, independente de qualquer chamamento que os induzisse às facilidades materiais ou ao temor. Devemos estar sempre conscientes da necessidade da firmeza, que não significa intransigência nem dureza de coração, mas sim determinação inabalável no propósito da autorreforma moral, que deve estar acima de qualquer outra meta e sem a qual nossa vida significará mera repetição dos equívocos cometidos quando ainda adotávamos os padrões ético-morais do “homem velho” ou da “mulher velha”.

2.5 – A VONTADE

A vontade é a chama interior, que acendemos com um combustível interno, o qual vem diretamente da Mente Fecundante de Deus, que sustenta Suas criaturas nos bons propósitos, com vistas à sua evolução intelecto-moral. Sem pedirmos ao Pai que acenda esse lume em nosso interior, qualquer que seja a forma como nos dirijamos a Ele, mesmo que em rogativa inconsciente, permaneceremos na escuridão interior, ou seja, sem a vontade necessária para a autorreforma moral. Afirma-se que: “Quando o discípulo está pronto, o mestre aparece.”, o que significa que a maturidade interior emite uma irradiação específica, de alta frequência, que provoca a sintonia com os Orientadores Espirituais, porque, naquele momento se acendeu a chama da vontade. A partir daí, cabe-nos continuar na senda do autoconhecimento, que leva ao Amor Universal. A vontade escora-se em Deus e, abaixo d’Ele, nos Espíritos Superiores e nos bons Espíritos, encarnados ou desencarnados, que nos concitam a continuar na conquista das virtudes. Sem essa motivação interna, eles nada podem fazer em nosso favor, a não ser insistirem para que procuremos o caminho da evolução, todavia, sendo a procura individual, somente nós mesmos podemos trilhá-lo. Joanna de Ângelis afirma que, na verdade, cada um está sozinho com sua própria consciência, ou seja, com Deus. Dessa forma, ninguém pode nos transmitir sua própria vontade de evoluir, uma vez que cada um tem de procurar a sua própria, dentro de si mesmo, em sintonia com Deus. A vontade de adquirir a virtude do Amor nos leva a pensar, sentir e agir em favor de nossos irmãos e irmãs, sem pretender nenhuma recompensa da parte deles, mas apenas a aprovação de Deus, que, através da nossa consciência, nos

proporciona a felicidade, que nenhum fator externo tem o poder de abalar, constituindo-se na mais importante recompensa de que podemos usufruir. Assim é que, por exemplo, Bezerra de Menezes não se interessa em ser promovido a um planeta superior ao nosso, pois já vive a felicidade aqui na Terra, tanto quanto a viveria em um planeta inferior ou superior ao nosso, pois a felicidade está dentro de cada um que a merece pela sua sintonia com o Bem, ou seja, com aqueles que vibram nessas faixas elevadas e, portanto, com Deus.

2.6 – A PERSEVERANÇA

Se os Espíritos Superiores subdividiram a firmeza em dois subitens, que são a vontade e a perseverança, pode-se presumir que assim o fizeram simplesmente para reforçar aquela virtude, estabelecendo um primeiro momento, que é a deliberação interna de iniciar uma “vida nova”, e um segundo, que é a continuidade nesse propósito renovador. Perseverar no caminho da autorreforma moral é tarefa que exige uma conscientização profunda do que realmente pretendemos na nossa vida. Aqueles que estão apenas movidos pela curiosidade ou cuja determinação interna se assemelha a uma chama bruxuleante costumam desistir a meio do caminho, sendo que somente quem despertou realmente para a necessidade inadiável de mudar é que persevera até o fim, ou seja, indefinidamente, pois não existe um termo final na estrada evolutiva. Allan Kardec afirmava que há pessoas que são “mornas até no gozar”, ou seja, que não trazem em si ainda o “fogo” da autodeterminação: esses costumam viver meio indiferentes a tudo que signifique esforço e persistência, acomodando-se à inércia. Todavia, muitos dos que erraram muito, como Paulo de Tarso, Maria de Magdala e Zaqueu, uma vez “caindo em si”, transformam-se no oposto do que tinham sido, passando a investir na própria autorreforma moral e tornando-se naquilo que Jesus qualificou de “luz do mundo” e “sal da terra”. Esses três personagens não se contentaram em simplesmente deixar de ser defeituosos moralmente, passando a viver uma vida mediana, modorrenta, mas optaram pelo extremo oposto, como nobilitantes exemplos de virtudes notáveis, iluminando-se interiormente e clareando os corações e as mentes daqueles que viviam na escuridão intelecto-moral. Persistiram no

caminho das virtudes naquela vida e nas que se seguiram, transformando-se respectivamente o primeiro na figura ímpar de Sundar Singh, o apóstolo do Cristianismo na Índia; a segunda em Madre Tereza de Calcutá e o terceiro em Bezerra de Menezes. A perseverança representa a persistência no pensar, sentir e agir no Amor Universal.

2.7 – A HARMONIA

As Leis Divinas regulam todo o Universo, sendo as mesmas para toda a Criação, aplicáveis a todos os seres, independente do grau evolutivo alcançado por cada um. Na verdade, como se sabe, até os seres mais rudimentares trazem dentro de si as potencialidades dos Espíritos Puros, estes que chegaram a um nível tal de perfeição relativa que já compreendem Deus e com Ele mantêm contato consciente e direto, como é o caso de Jesus e outros Espíritos muito mais evoluídos que Ele próprio. Harmonia é o grau de adequação em relação às Leis Divinas, sendo por isso que os Espíritos Superiores respiram harmonia e suas irradiações se traduzem em paz, que é reflexo da harmonia. No funcionamento do Universo existe harmonia, pois cada corpo celeste desempenha o papel que lhe é destinado, obediente às forças de atração e repulsão que lhes proporciona a trajetória adequada, tanto quanto no organismo humano cada célula desempenha sua tarefa específica, gerando o bom funcionamento do conjunto orgânico. Apenas os seres humanos ainda não autorreformados moralmente costumam destoar da harmonia que vigora automaticamente entre os chamados “irracionais”, os quais, impulsionados pelos instintos, somente atacam os demais na medida exata de suas necessidades de sobrevivência estrita, mas nunca ultrapassando esses limites. Exercitando o livre arbítrio ainda de forma não coincidente com as Leis Divinas, sobretudo a do Amor Universal, a maioria dos seres humanos medianos pretende mais direitos do que deveres, o que gera um desequilíbrio no relacionamento interpessoal, com consequências desastrosas para si próprios e para o meio onde vivem. A harmonia consiste, nas sociedades humanas,

justamente no equilíbrio entre direitos e deveres, sendo que cada um deve exercer os primeiros até o ponto em que não prejudique seus irmãos e irmãs e nem a si próprios, tanto quanto deve cumprir os segundos na medida em que tal se faz útil realmente a si mesmos e aos outros. A harmonia é o resultado do Amor Universal, sob a forma de pensamentos, sentimentos e atitudes adequadas. Jesus trouxe a Mensagem da Harmonização Universal, propondo um Novo Paradigma, que se traduz no auto aperfeiçoamento de cada um para formarmos um conjunto de seres que passem a atuar como um imenso organismo onde cada um passe a somar em favor do todo ao invés de desunir a coletividade. Os Espíritos Superiores nos ensinam a primeiramente nos harmonizarmos interiormente para, somente depois, procurarmos, por exemplo, a conjugalidade e paternidade e a maternidade, porque somente quem sabe tem condições de ensinar e apenas quem está bem consigo próprio consegue estar bem com os demais irmãos e irmãs em humanidade. A harmonia é uma conquista espiritual que passamos a merecer pelo nosso esforço continuado em equilibrar nossos direitos e deveres, tomando como referência as Leis Divinas.

2.8 – O RIGOR

O rigor deve ser entendido como sendo a justa medida na avaliação dos nossos direitos e deveres. Não se confunde com a cobrança de atitudes dos nossos irmãos e irmãs, mas sim na nossa própria auto avaliação, visando o autoconhecimento e conseqüente auto aperfeiçoamento intelecto-moral. Jesus nunca foi rigoroso com quem quer que seja, mas cobrou sempre de Si mesmo o pensar, sentir e agir conforme as Leis de Deus. Assim também sempre procederam Seus enviados, que são nossos mestres. Adotar o rigor, no bom sentido, quanto à nossa proposta evolutiva é indispensável para seguirmos pela estrada do auto aperfeiçoamento, sem que isso signifique autoflagelação e incapacidade de auto perdoarmo-nos quando erramos. Recomeçar depois de uma queda é adotar corretamente o rigor conosco mesmos, pois, não sendo perfeitos, errar faz parte do nosso aprendizado, mas recomeçar é imprescindível, para subirmos os degraus da evolução intelecto-moral. Rigor é sinônimo de honestidade consigo mesmo, integridade de propósitos, desejo sincero de acertar. Não adianta tentarmos enganar a Deus e a nossa própria consciência com desculpismos, pois a realidade sempre se patenteia diante da nossa autoanálise sincera. Rigor significa procurar o fundo das nossas intenções, olhando-nos dentro da própria alma, pesquisando a essência dos nossos pensamentos, sentimentos e atitudes, para adequá-los ao que somos realmente, ou seja, filhos de Deus, destinados à perfeição relativa. Na mitologia hinduísta conta-se a história de um monstro de dentro do qual sai um ser iluminado, que vivia aprisionado dentro daquele primeiro, sendo isso que devemos procurar alcançar através do rigor na nossa procura pelo que realmente somos. Quando Jesus afirmou: “Vós sois

deuses; vós podeis fazer tudo o que Eu faço e muito mais ainda.” estava nos propondo o rigor nessa procura pela nossa verdadeira essência, que é de luz.

2.9 – A DISCIPLINA

A disciplina que devemos pleitear para nós mesmos é aquela imposta pela nossa própria conscientização e não a imposição de nossa vontade sobre a liberdade alheia. Cada um deve autodisciplinar-se. Emmanuel nunca cobrou disciplina de Francisco Cândido Xavier, mas sim lhe aconselhou que assim procedesse quanto a si próprio. O Espírito Guia do médium cobrava, sim, de si próprio uma disciplina que vinha exercitando há séculos, desde que encontrou Jesus e recebeu d’Ele o convite renovador, há dois milênios, no memorável encontro descrito no seu livro “Há 2.000 Anos”, psicografado pelo referido medianeiro. Tanto o Guia quanto seu intermediário auto disciplinavam-se em todas as circunstâncias, pois que seu programa de trabalho conjunto não poderia ser prejudicado por qualquer tipo de desvio. Assim devemos aprender a proceder, estabelecendo prioridades para a nossa vida e deixando de lado aquilo que vá prejudicar os propósitos construtivos. Há quem se desvie por conta de falsos direitos ou falsos deveres, acabando por “perder a encarnação” e ter de recomeçar tudo de novo, em futura oportunidade. Essas pessoas se enganam com miragens, que representam fantasias induzidas pelos seus desejos muitas vezes secretos, provenientes do orgulho, egoísmo ou vaidade, normalmente incentivados por outros “cegos, que conduzem cegos”. A disciplina faz com que aceitemos com naturalidade tanto a rotina aparentemente esterilizante quanto as mudanças supostamente temíveis. Estar preparado para repetir mil vezes a mesma tarefa tanto quanto mudar de atividade continuamente: tudo isso faz parte da disciplina, que nos leva a persistir nos propósitos elevados, sejam eles quais forem. Quem se cansa logo e abandona a

tarefa não conseguiu autodisciplinar-se; quem pretende eximir-se do cumprimento dos seus deveres também não automatizou em si a disciplina; todavia, quem, sem reclamar, está pronto para desincumbir-se daquilo que lhe é atribuído, está evoluído quanto à virtude da disciplina. O Amor Universal, mesmo, exige disciplina, pois não se justifica seu abandono pelo fato de não recebermos a recompensa da gratidão alheia nem o reconhecimento público. O que importa é a aprovação da própria consciência, ou seja, de Deus.

2.10 – A ESPERANÇA

Das pessoas que procuravam Jesus, muitas delas oscilavam entre a confiança e a dúvida, todavia, cabe igualmente aqui a reflexão sobre o provérbio: “Quando o discípulo está pronto, o mestre aparece.” Para quem estava maduro espiritualmente, a Palavra do Divino Mestre encontrou eco no seu psiquismo. Porém, para os demais, tratava-se de um convite desarrazoado para se renunciar aos interesses mundanos, em troca de promessas que eles não tinham condições de compreender. A diferença entre uns e outros era quanto à maturidade espiritual, ou seja, um sentido diferente da inteligência horizontal, a qual somente serve para a vida terrena, e da moralidade primária da dedicação aos parentes e amigos. Jesus somente conseguiu despertar os que estavam “prontos”, como Paulo de Tarso, Maria de Magdala, Zaqueu e outros, proporcionalmente poucos, no meio de toda uma população de pessoas dominadas pela materialidade. A esperança é uma virtude associada umbilicalmente ao Amor a Deus, conforme esclarecem os Espíritos Superiores, a qual dá a certeza da nossa filiação divina, com as consequências que daí advém. Todavia, se para alguns foi ou é suficiente a esperança decorrente da sua própria certeza espontânea, a Terceira Revelação trouxe reflexões filosóficas que fortalecem essa certeza, por exemplo, nas afirmações sobre Deus constantes de “O Livro dos Espíritos”, bem como nas mensagens dos Espíritos Superiores e nas palavras de Allan Kardec estampadas em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. O Amor a Deus representa a conquista mais elevada dos Espíritos, quando se fazem merecedores de compreender o Criador, graças à sua já expressiva evolução intelecto-moral, resultado do muito que

investiram nesse sentido, com a autorreforma moral decorrente do autoconhecimento. Na verdade, a esperança em Deus é conquista dos Espíritos Superiores, resultado do seu merecimento. Os Espíritos medianos trazem pouco desenvolvida a esperança, pois pouco ainda caminharam na estrada da autorreforma moral, fazendo com que oscilem entre a certeza e a dúvida. Somente quem já se libertou dos defeitos morais do orgulho, egoísmo e vaidade, vive a esperança em grau elevado e caminha seguro, no cumprimento dos trabalhos de Amor Universal. Jesus tinha esperança absoluta em Deus, ensinando-nos essa virtude mesmo nos momentos de grande dificuldade, como o da cruz. Aprendamos a ter esperança, confiantes na nossa condição de filhos de Deus e agindo como tais, no cumprimento de Suas Leis.

2.11 – A FÉ

A fé é uma conquista individual, decorrente da sintonia consciente com Deus. Não resulta do conhecimento meramente horizontal inclusive sobre as Leis Divinas, pois é grande o número dos que estudam essas Leis, mas não mereceram ainda a fé, que Deus concede àqueles que julga merecedores por suas conquistas ético-morais. Nicodemos é um exemplo típico do religioso de pouca fé, uma vez que ainda não tinha adquirido a virtude da humildade. A fé representa a certeza inabalável em Deus, consequência do esforço perseverante no cumprimento das Leis Divinas, resumidas, conforme já dito, no Amor Universal. Quem Ama adquire merecimento para receber do Pai Celestial o conhecimento da Verdade, do qual decorre a felicidade do relacionamento consciente com o Pai. Os Espíritos Superiores vão adquirindo cada vez maior conhecimento sobre Deus, enquanto que os Espíritos Puros, como Jesus, interagem com Ele continuamente, tanto que se afirma que, para nós, “Jesus é médium de Deus”. Todos os seres, perfectíveis que são, caminham para essa conquista, que representa o máximo de felicidade, pois, ao invés de usufruírem apenas do afeto dos irmãos e irmãs, falíveis e incompletos, receberão do próprio Criador as Emanações do Seu Amor Infinito, que repletam de completude afetiva. Devemos dar os primeiros passos, passando pela autorreforma moral, que exige muitas realizações em favor dos nossos irmãos e irmãs. A fé é uma recompensa aos que muito se dedicam ao Bem, proporcionando-lhes um imenso bem-estar interior. A certeza da presença de Deus em nós é incentivo para vivermos com serenidade, em paz e muito realizando em favor do Progresso da humanidade, mesmo que aparentemente pequena seja

nossa zona de influência. Sabemos que Deus tudo vê e tudo sabe, mesmo quanto às nossas intenções mais secretas e, por isso, confiemos na Sua ajuda, no sentido de multiplicar o nosso esforço pela autorrenovação interior. A fé não é compreensível para os que vivem em função dos interesses materiais, porque Deus Se revela à medida que nos aproximamos d'Ele pelas virtudes. Triste é a vida daqueles que ainda não têm fé em Deus, pois seus pensamentos, sentimentos e ações circulam dentro de um círculo vicioso, onde preponderam a insegurança e o medo, apesar de ostentarem na face o sorriso e a aparente autoconfiança. Oremos por esses irmãos e irmãs se não pudermos fazer mais por eles!

2.12 – O DEVOTAMENTO

Se é verdade que a esperança e a fé são virtudes ligadas diretamente ao Amor a Deus, o devotamento representa o Amor voltado para as demais criaturas. Imbuídos da esperança e da fé em Deus, cumpre-nos o dever de devotarmos ao progresso intelecto-moral dos nossos irmãos e irmãs. Jesus trouxe à Terra a Verdade numa extensão e profundidade nunca igualada nem antes nem depois d'Ele, pois a própria Terceira Revelação, com todos seus méritos, simplesmente detalha alguns pontos da Revelação de Jesus, mas não tem condições de alcançar Sua Excelsitude. Aliás, quando o Divino Mestre falou: “Passará o céu e a Terra, mas Minhas Palavras não passarão.” estava afirmando que somente quando alcançarmos o nível de Espíritos Puros compreenderemos a Verdade. Qualquer das Suas muitas Lições representa uma faceta da Verdade incompreensível em toda a sua complexidade pelo nosso cérebro primitivo e pelo nosso coração que ainda não sabe Amar Universalmente. O devotamento ao próximo é uma das virtudes mais marcantes nas grandes almas, que já entenderam que quanto mais fazem em favor dos outros mais se aproximam de Deus, ao contrário dos que pensam, sentem e agem em função do poder, do prestígio, da riqueza e do prazer. Jesus nunca vivenciou qualquer resquício de orgulho, egoísmo ou vaidade, desde o início de Sua trajetória evolutiva. Seu devotamento aos seres criados pelo Pai é total, servindo de exemplo máximo para nós, que ainda sentimos muita dificuldade em favorecer nossos irmãos e irmãs, sem pensar em recompensas, que, na verdade, são perfeitamente dispensáveis. Se o Pai sustenta as aves do céu e veste as flores do campo, quanto mais a nós, homens e mulheres de pouca fé... O devotamento é uma das

mais importantes virtudes que devemos exercitar, para merecermos a recompensa da felicidade, que Deus concede apenas a quem muito faz em favor dos outros Seus Filhos. Peçamos ao Pai que nos livre do nosso egoísmo e enxerguemos o bem de todos, devotando-nos a concretizá-lo, pensando, sentindo e agindo em benefício do progresso intelecto-moral de cada um em particular e das coletividades em geral.

2.13 – A VALENTIA

Alguns podem dizer que a valentia representa um instinto, enquanto que outros afirmarão que é reflexo da inteligência, todavia, para o nosso estudo, o que importa é a valentia utilizada em função do Amor Universal. Assim é que Jesus enfrentou todos os percalços do mundo material, chegando ao extremo da morte dolorosa, porque tinha como sustentáculo da Sua valentia o compromisso de ensinar a Verdade aos Seus pupilos terrenos. Valentia praticada simplesmente como forma de auto endeusamento, para receber o reconhecimento dos demais, representa uma das manifestações mais funestas do orgulho. Todavia, a valentia na exposição ou defesa de um ideal superior, que redunde em benefício, sobretudo, do progresso intelecto-moral das criaturas, é necessária para o próprio aprimoramento dos trabalhadores do Bem como também como forma de exemplificação para os que lhe observam e acompanham a trajetória luminosa. Sem valentia, fundada no Ideal mais puro, os cristãos dos tempos apostólicos não se teriam deixado sacrificar nos circos da crueldade da Roma antiga; sem valentia Jan Huss, Joana D'Arc e outros missionários do Cristo não se exporiam às fogueiras da Inquisição; sem valentia Allan Kardec não teria renunciado a tudo para se dedicar à Codificação da Doutrina dos Espíritos e Francisco Cândido Xavier não estaria se doando em favor da materialização no mundo terreno de mais de quatro centenas de livros altamente esclarecedores sobre a realidade espiritual. A valentia que nos importa ressaltar é a da assunção de uma mentalidade pacifista; firme nos propósitos de realizar o Bem em favor de todos; paciente frente às dificuldades; tolerante diante das oposições; capaz de

suportar quaisquer sacrifícios sem murmurar, a fim de que a tarefa a nós destinada seja cumprida. A valentia sempre caracterizou os missionários do Bem, porque eles colocam sua confiança em Deus acima de qualquer apoio material ou pessoal de quem quer que seja e a certeza de que estão servindo à humanidade. Sua recompensa está sempre além dos limites dos interesses terrenos, imediatistas, passageiros e instáveis. Valente é quem, apesar de experimentar o medo, o que é natural, segue adiante e cumpre seu mandato, mesmo que chegue ao final da jornada cheio de cicatrizes e combalido, como Paulo de Tarso; mesmo como Maria de Magdala, que contraiu a lepra e morreu vitimada pela rude desagregação das células orgânicas ou como Zaqueu, que trocou o prestígio e as riquezas pelo anonimato aparentemente humilhante, mas feliz. Alguém pode estranhar a inclusão da valentia entre as virtudes, mas, na verdade, somente consegue manter-se bom e virtuoso quem vence as oposições, os apodos e a incompreensão do meio onde vive com sua valentia pacífica, construtiva, iluminativa, esclarecedora, sustentada pelo Amor Universal.

2.14 - A CORAGEM

Nos tempos atuais, ninguém necessita mais dar a vida nos circos da maldade para contribuir para a melhoria do mundo e da humanidade. A coragem que se exige é a de vencer suas próprias más tendências, como preconizava Allan Kardec para caracterizar os verdadeiros espíritas. Devemos ter coragem de olhar para dentro de nós mesmos e enfrentar nossas mazelas morais, vencer a preguiça, a má-vontade, o desamor, a frieza moral, a indiferença pelos sofrimentos alheios, o desejo de projeção inútil, a alegria com as desgraças alheias, o orgulho e o egoísmo e todas as falhas morais que ainda trazemos e costumamos querer disfarçar de nós próprios. Essa a coragem que devemos desenvolver em grau cada vez mais elevado, para evoluirmos intelecto-moralmente. Sem ela viveremos na estagnação, correndo de um lado para outro atrás de distrações que nos levarão ao desencanto e à decepção, que redundam em doenças psicossomáticas tão comuns nos tempos atuais. É preciso coragem não para vencer nas competições do mundo, que retratam o primitivismo que ainda nos caracteriza, mas para vencermos a nós mesmos, os resquícios do “homem velho” ou da “mulher velha” que ainda carregamos como chagas morais na nossa própria intimidade psíquica. A coragem vai passando, gradativamente, do exterior para o interior à medida que evoluímos intelecto-moralmente. O mundo de provas e expiações está se esvaindo e gradativamente vamos ingressando no mundo de regeneração, onde as virtudes serão a mais importante característica dos habitantes da Terra, enfeixadas no Amor Universal. Oremos ao Nosso Pai para que nos dê a coragem necessária para emprendermos a autorreforma moral e a vivenciarmos como Jesus aconselhou:

“Colocai o lume sobre o candeeiro, a fim de que dê luz a todos os que estão na casa.”

2.15 – A FORÇA

A força física foi necessária para a construção das primeiras civilizações, quando o trabalho braçal era praticamente o único meio de melhorar as condições primitivas de sobrevivência. Assim, edificaram-se cidades, monumentos e outras construções, quase todas posteriormente destruídas pela violência dos próprios seres humanos, que viviam muito mais da pilhagem e da escravização dos seus irmãos e irmãs do que do trabalho construtivo e idealista em benefício das coletividades. Todavia, sobretudo com a propagação da Mensagem de Amor Universal, trazida pelo Divino Governador da Terra, que é Jesus, aos poucos passamos a respeitar o trabalho alheio, a construir ao invés de destruir e a pensar em prol da coletividade em vez de cada um só enxergar seus próprios interesses materiais. A inteligência desenvolveu-se, ocasionando o aprimoramento das instituições e das regras de relacionamento interpessoal. Da força física, que predominava, passou-se a valorizar a força da inteligência e aos poucos a força ético-moral. Na fase de mundo de provas e expiações a inteligência ainda prevalece sobre a moralidade, mostrando-se muitas vezes descompromissada com ela, mas, passando a Terra à categoria de mundo de regeneração, teremos a força moral como referencial da vida da humanidade. Antecipemo-nos nessa conquista, pois o caminho é individual, como informa Joanna de Ângelis, quando diz que, na verdade, cada um está sozinho com sua própria consciência. Apesar de necessitarmos da força física para os trabalhos do corpo, do qual devemos cuidar, e da inteligência, que representa uma das asas do Espírito, a força moral é que nos define o grau evolutivo, realmente.

2.16 – A CARIDADE

Quando Allan Kardec afirmou: “Fora da caridade não há salvação.” estava apresentando aos espíritas um modelo de conduta para não deixar dúvida alguma. Aliás, os espíritas em geral são identificados normalmente pela prática da caridade. Muito já se estudou sobre essa virtude, que, como se sabe, pode ser praticada pelo pensamento, pelo sentimento e pelas ações. Todavia, queremos apresentar aos queridos Leitores uma reflexão que pode nos ajudar na nossa vida: nunca devemos nos julgar superiores àqueles a quem prestamos algum auxílio, porque, muitas vezes, os verdadeiros necessitados somos nós e não eles. Lembremo-nos do exemplo do cego curado por Jesus, que tinha nascido naquela condição com o propósito de testemunhar em favor da Causa de Jesus e não porque devesse algo à Justiça Divina. Outro exemplo: conta-se que Francisco Cândido Xavier foi muitas vezes abraçado longamente por um homem andrajoso e de aparência sofrida, chamado Jorge, de quem a maioria das pessoas se afastava, principalmente pela sua falta de higiene corporal, sendo que ele, como afirmou Chico, ao desencarnar, foi recebido por Jesus, que veio buscá-lo. A respeito desse último caso. sem entrar no mérito da questão, fica a indagação: - Quem necessitava mais daqueles abraços cheios de profundo afeto: o médium, que precisaria de reposição fluídica que somente os corações cheios de Amor poderiam lhe proporcionar, ou o homem maltratado, que levava uma vida aparentemente sem razão? Não devemos analisar as pessoas pela aparência, classificando-as segundo os poucos dados de que dispomos sobre elas, pois, na verdade, quase nada sabemos até sobre nós mesmos. Há quem renasça na condição de deficiente intelectual, mental ou físico

simplesmente para despertar a faculdade de Amar naqueles que vivem encastelados no egoísmo, no orgulho ou na vaidade... “Há muito mais mistérios entre o céu e Terra do que imagina nossa vã Filosofia”, materialista e nossa pobreza intelecto-moral... Por essas e outras razões, devemos aprender a nos considerar iguais a todos os irmãos e irmãs em humanidade, auxiliando-os como pudermos, sem achar que somos especiais por causa do muito ou do pouco que lhes fizemos de bom, pois pode acontecer de o mendigo, o doente ou o sofredor que nos estendem a mão estarem milhares de anos à nossa frente na estrada evolutiva! Francisco Cândido Xavier, certa feita, teria afirmado que é verdade que muitos membros da antiga nobreza estão reencarnados, podendo ser identificados, enquanto que muitas ex-lavadeiras habitam atualmente os planos espirituais superiores!

2.17 – A INDULGÊNCIA

Jesus foi indulgente com a mulher adúltera que os fariseus queriam apedrejar; igualmente com Judas, que o traiu; com Simão Pedro, que o negou três vezes; com Saulo, que tentou destruir Sua Obra, antes de se converter; com Zaqueu, que vivia da usura; mas, sobretudo, com todos que o condenaram, apodaram, maltrataram e crucificaram, não esboçando a mínima atitude de defesa ou reação por uma única razão: Amava a todos indistintamente como Seus pupilos, a quem competia ensinar pela indulgência e não corrigir com as armas da severidade e da dureza. Ninguém realmente o ofendeu, mas agrediu a própria consciência, por ignorância, porque Ele não levava em conta as palavras e atitudes dos Seus Amados, que somos todos nós, mas sim nossas carências intelecto-morais, que Ele vem suprindo desde que nos tomou nos Braços Misericordiosos. Ser indulgente não é ser conivente com os equívocos dos tutelados, mas relevar-lhes a ignorância, ensinando-os com paciência, através da repetição das lições, até que, um dia, despertem, como Públio Lentulo, que se tornou um dos Seus mais dedicados discípulos. A indulgência é filha dileta do Amor, que nunca se melindra nem se cansa de Amar aqueles que ainda não têm alcance intelecto-moral para compreenderem as virtudes. Gandhi foi indulgente com os ingleses, que escravizaram seu país por dois séculos; Francisco Cândido Xavier era indulgente com aqueles que o criticavam por sua humildade; Divaldo Pereira Franco foi indulgente com o filho que sofria de forte propensão para a prática do homicídio, pedindo-lhe que matasse a ele e nunca a outra pessoa. Quem passa a entender o Amor Universal se torna indulgente e nunca se julga ofendido.

2.18 – A BENEVOLÊNCIA

A benevolência foi exemplificada por Jesus em grau máximo, quando atendia a todos que O procuravam, inclusive o senador Públio Lentulo, imaturo para compreender-Lhe as Orientações naquele momento. Todavia, enxergando o futuro e o passado, Jesus semeava Lições, que muitos somente iriam apreender daí a anos, séculos ou milênios. Ninguém era desprezado por Ele, que proporcionava o melhor de Si mesmo para incentivar o desenvolvimento da mínima chama que crepitasse no fundo da consciência de cada um. Benevolência é semear em qualquer tipo de terreno, sem aguardar os resultados, que pertencem a Deus. Fazer o bem indistintamente é o que nos compete, como aprendizes na Vinha do Senhor, que nos contrata para servir, em troca do salário representado pelo Seu Amor Paternal. Não temos a visão do passado nem do futuro, vivendo circunscritos aos minutos e horas que se sucedem, como oportunidades de crescimento intelecto-moral e a benevolência é das melhores formas de contribuir para a Obra Divina, transformando desertos morais e intelectuais em campos verdejantes, de onde brotarão flores multicoloridas e frutos saborosos e saudáveis. Quem é benevolente se assemelha a uma árvore frondosa, sob cuja sombra descansam os caminhantes da vida, e de cujos galhos pendem saborosas frutas, que saciam a fome dos famintos. Pelo contrário, aqueles que ainda não conquistaram essa virtude parecem arbustos ressequidos, enfezados e raquíticos, cheios de espinhos e perigosos para quem se aproxima, pois, além de inúteis, podem ferir as mãos desavisadas que os buscam confiantes. Feliz de quem se transforma em refúgio para seus irmãos e irmãs, pois passa a exalar o perfume da felicidade, atraindo os sofredores de

várias ordens, que nele encontram o abraço carinhoso. Assim viveu Bezerra de Menezes, que ficou conhecido como o “médico dos pobres” e assim era Mohandas Gandhi, de quem, como ele mesmo dizia, muitos estropiados da mente se aproximavam, atraídos por seu magnetismo, representado pela benevolência permanente.

2.19 – A HUMILDADE

Jesus, quando disse: “Ninguém vai ao Pai a não ser por Mim.” não estava se arrogando um prestígio inútil, mas sim esclarecendo-nos sobre quem Ele realmente era e é, ou seja, o Sublime Governador da Terra, a quem compete nos encaminhar para a evolução intelecto-moral. Ser humilde não significa rebaixar-se, mas sim trabalhar pelo bem comum sem outra intenção que a de servir. Não se trata de mostrar-se grande ou pequeno, mas simplesmente cumprir sua tarefa, sem estabelecer comparações inúteis entre evoluídos e primitivos, pois que todos podem desempenhar sua tarefa em benefício do conjunto. Jesus recusou o qualificativo de “Bom”, dizendo que apenas o Pai merecia esse título, mas identificou-se como mestre (professor), pois que, como tal, competia-Lhe ensinar a Verdade, portanto, representando o Caminho, a Verdade e a Vida, que conduzem os habitantes da Terra a Deus, os quais não chegarão ao Pai a não ser por Ele, único Médiun de Deus para o nosso mundo. A humildade caracterizava o Divino Pastor das almas terrenas. E, nessa condição, tinha de “colocar a candeia sobre o candeeiro, a fim de dar luz a todos os que estivessem na casa”. Os missionários do Bem são humildes, mas não omissos, temerosos, subservientes, timoratos, covardes ou tímidos, porque o Amor lhes dá a autoridade necessária para falar e realizar em benefício de todos. Não agem por interesse próprio, mas impulsionados pelo desejo de servir a todos. São grandes porque servem bem a todos e não se servem de ninguém. Madre Teresa de Calcutá serviu a vida inteira a cada um em particular, sem nunca ter procurado qualquer benefício pessoal, vivendo com humildade, mas sendo firme nos momentos em que a declaração da Verdade se fazia

necessária. É preciso entender a humildade como a virtude que nos faz desapegados dos interesses pessoais, mas corajosos na propagação do Bem e na defesa do progresso intelecto-moral dos outros!

2.20 – A RESIGNAÇÃO

Os Espíritos Superiores nunca pleiteiam aquilo que contraria as Leis Divinas: isso representa a resignação. Forçar o impossível, precipitar-se na busca do irracional, pretender o injusto, colher frutos ainda verdes: tudo isso se traduz em rebeldia e irresignação. Sabendo que Deus é Justo e Sábio, os Espíritos Superiores aguardam pacientemente que tudo venha no momento próprio. De nada adianta tirar da terra a plântula para apreciar-lhe a raiz, sendo que se deve aguardar que o tempo a fortaleça e transforme em arbusto e, posteriormente, em árvore frondosa. Resignar-se é aguardar a Justiça Divina, sem pretender que ela decida a nosso favor, pois pode acontecer de sermos os réus, que merecem a condenação, e não as vítimas, que devam ser protegidas. Somente Deus sabe quem é culpado e quem é inocente, porque enxerga o passado e não apenas o presente, enquanto que nós somente conhecemos alguns poucos anos da nossa vida e da existência alheia. As pessoas resignadas não sofrem com as adversidades, que interpretam como eventos naturais; não tentam mudar as circunstâncias que independem da sua vontade e não atribuem aos outros a culpa pelo que de mal lhes tenha acontecido. Tudo tem uma razão construtiva para acontecer e o Pai, que somente permite o Bem, mesmo que seja interpretado como o Mal, vela por todos e Suas Leis conduzem tudo e todos para o Progresso. Sofrer é ignorar a utilidade das lições propiciadas pela Sabedoria e Bondade de Deus, como o aluno desidioso reclama dos deveres de casa e das lições da sala de aula. Jesus resignou-se com a morte na cruz, pois sabia da utilidade desse sacrifício para marcar a fogo Sua passagem pela Terra e Suas Lições. Sócrates resignou-se com sua condenação a beber cicuta, porque seus

Orientadores Espirituais lhe esclareceram a necessidade daquele sacrifício. Gandhi morreu assinado, resignado com os Designíos Divinos, em benefício da missão que trouxe ao mundo terreno. Aprendamos a virtude da resignação, que representa Amor a Deus!

2.21 – A ACEITAÇÃO

A aceitação diz respeito à realidade imposta por Deus, que sabemos ser a melhor para o nosso aprendizado, a nossa evolução intelecto-moral. Todas as circunstâncias da nossa vida são favoráveis a esse objetivo, pois, em caso contrário, o Pai, que Ama infinitamente Suas criaturas, não permitiria que ocorressem. Tudo que nos cerca a existência funciona como incentivo ao nosso progresso intelecto-moral, apesar de, na nossa visão ainda toldada pelo primitivismo decorrente dos defeitos morais e do pouco desenvolvimento da inteligência somente precariamente iluminada pelo Amor, enxergarmos quase tudo como obstáculos e sofrimentos, os quais costumam nos desanimar ou revoltar. As pedras, quando juntadas e colocadas na posição certa, transformam-se em base da construção; os abismos são alerta para nos desviarmos e procurarmos os caminhos da planície; as mudanças climáticas, decorrentes da variação das estações do ano, nos ensinam que os ciclos da vida se repetem e que devemos aguardar a época certa para agir de tal ou qual forma; as facilidades nos mostram que devemos aproveitá-las enquanto estão presentes; os amigos significam apoio e troca afetiva e os adversários representam um reforço à voz da nossa consciência, mostrando o que temos de aperfeiçoar em nós mesmos. Pretender encontrar na vida apenas benesses é comparável a querer parar a sequência das estações ou a rotação da Terra, esta que alterna os dias e as noites. A aceitação significa fé em Deus e sabedoria no trato conosco mesmos e com os outros. Trata-se de uma das mais importantes virtudes, visível nas pessoas que atingiram um elevado grau de serenidade. Atualmente, com o estilo de vida direcionado para a competição, o consumismo e o estresse

individual e coletivo, muita gente passa o tempo, representado pelas horas de cada dia, sem nenhuma aceitação, querendo alterar a ordem natural das coisas, simplesmente por inconformação, rebeldia ou ignorância. O autodomínio, a paciência e a fé em Deus nos induzem à aceitação de tudo que não depende da nossa vontade e também daquilo que nossa consciência apresenta como útil para nosso progresso intelecto-moral. Querer tudo mudar, obedecendo aos impulsos, ao modismo e à arrogância somente tumultuam a vida individual e das coletividades. Devemos procurar entender as Leis Divinas para sabermos o que devemos aceitar e o que nos compete mudar!

2.22 – O PERDÃO

Os Espíritos Superiores deixaram por último o perdão, com suas ramificações: abnegação e fraternidade. Não terá sido por acaso, mas talvez porque representa a culminância da evolução ético-moral. Recebendo o Mal, ao invés de devolvermos na mesma moeda, façamos o Bem, através do pensamento, do sentimento e das atitudes. Assim deve acontecer por duas razões: primeiro, porque o Mal só nos atingirá se Deus assim o permitir para o nosso progresso intelecto-moral e, segundo, porque o Mal, na verdade, é o Bem representando nossa impulsão para Frente e para Cima. Querer mal aos nossos adversários é desejar que o professor não nos ensine as lições ou que não nos indique os deveres de casa, ambos que são indispensáveis ao nosso aprendizado. Perdoar não é apenas sinal de espírito caritativo, mas também de compreensão de que a evolução se processa com a presença, na proporção certa, das facilidades e dificuldades. Se os amigos nos trazem as facilidades, os adversários nos colocam no caminho as dificuldades, mas ambas são indispensáveis. Jesus nunca se inquietou com as dificuldades, mas aproveitou-as para ensinar-nos a lidar tranquila e inteligentemente com elas. Se não fossem Sua morte na cruz e os episódios dantescos dos circos romanos, o Cristianismo não se teria propagado tão rapidamente no mundo, atingindo sua finalidade na renovação dos paradigmas. “Perdoar não sete, mas setenta vezes sete” significa aceitar as dificuldades, porque elas existirão sempre, mudando apenas de umas para outras. A evolução intelecto-moral nos faz entender que não temos adversários externos, pois os únicos inimigos reais são nossos próprios defeitos morais, decorrentes da incompletude intelecto-moral que nos caracteriza. Por isso, perdoar aqueles

que aparentemente nos prejudicam passa a ser cada vez mais natural e espontâneo. Jesus, mesmo na cruz, nas vascas da agonia, não se esqueceu de pedir ao Anjo da Caridade que fosse socorrer Judas, o qual tinha acabado de suicidar, e, retornando do mundo espiritual, procurou todos aqueles que O tinham traído e abandonado, para ensinar-lhes que a morte mata o corpo, mas que o Espírito é imortal, indiretamente abençoando-os com o perdão!

2.23 – A ABNEGAÇÃO

Para entendermos a abnegação devemos conjugar o Auto amor com o Alo amor e o Amor a Deus. Um não deve excluir os outros, pois são diferentes, mas todos igualmente importantes, assim como detêm o mesmo valor o Amor aos filhos, aos irmãos carnais, ao cônjuge e aos pais. Abnegação não significa deixar de Auto amarmo-nos, investindo no nosso progresso intelecto-moral, mas sim realizarmos esse investimento justamente deixando de lado os defeitos morais, que nos induzem a não enxergar senão os interesses mundanos. Quando levamos em conta os deveres que temos para com o progresso intelecto-moral das outras criaturas de Deus na mesma intensidade com que procuramos Amar a Deus e a nós mesmos, estamos praticando a virtude da abnegação. Joanna de Ângelis, que viveu muitas encarnações voltadas para a renúncia a si mesma, inclusive na figura de Clara de Assis, quando praticava a autoflagelação, atualmente é uma das mais importantes missionárias do Cristo a ensinar a necessidade do Auto amor, pois não se consegue Amar a outrem sem Amar a si próprio, no sentido mais elevado da palavra, ou seja, investindo no próprio aperfeiçoamento intelecto-moral. A abnegação como a entendiam os anacoretas e os religiosos fanatizados da Idade Média representa verdadeira irracionalidade, incompatível com as Leis Divinas, esclarecidas através da Terceira Revelação. Abnegação é doar de si mesmo em favor dos outros sem segundas intenções; é fazer o bem indistintamente; é não julgar pelo simples prazer de alegrar-se com as desgraças alheias; é transferir às mãos alheias tudo que não nos é indispensável; é não competir naquilo que não é essencial para nossa sobrevivência e nosso desenvolvimento

intelecto-moral; em suma, é considerar todos tão importantes quanto nós próprios, uma vez que, para Deus, os seres que se iniciam na trajetória evolutiva são tão queridos quanto os Espíritos Puros. A abnegação deve ser praticada com utilidade para nós e para nossos irmãos e irmãs.

2.24 – A FRATERNIDADE

Quanto a este tópico vamos fugir do estilo deste estudo para fornecer aos queridos Leitores os comentários de um jurista francês e, após, expor as nossas reflexões: *“Esse terceiro termo da divisa republicana, (artigo C. 2, al. 4) é devida aos republicanos de 1848. Todavia, enquanto que liberdade e a igualdade são direitos que não comportam obrigação como encargo de cada um a não ser de respeitar os direitos de outrem, a fraternidade deve ser sobretudo considerada como um dever, mas um dever moral, insuscetível de se traduzir por obrigações jurídicas, salvo se se instituir a tirania. Na Constituição, a noção que se aproxima mais da fraternidade é aquela da solidariedade (Pr. 46, al. 10 a 13). Para retomar uma expressão de R. Capitant, “a fraternidade não é um princípio da democracia; ela é uma aplicação sua”. (Dictionnaire de droit constitutionnel, Michel de Villiers, Paris: Masson & Armand Colin Éditeurs, 1998:98). Com a virtude da fraternidade, os Espíritos Superiores, dirigidos pelo Espírito de Verdade, encerram o rol das 23 virtudes, ramificações do Amor. Não há como deixar de reconhecermos a superioridade notável desses mestres, que, do mundo espiritual, orientam os surtos evolutivos do mundo terreno, sob o Comando Amoroso e Sábio de Jesus, a quem nos compete agradecer do fundo da nossa alma por mais essas maravilhosas informações acerca da Verdade, que, como Ele afirmou, liberta. E é assim que, de joelhos postos na terra, agradecemos ao Divino Mestre e Seus emissários, propondo-nos continuar na nossa autorreforma moral e divulgá-la aos nossos irmãos e irmãs em humanidade, “colocando a candeia sobre o candeeiro, a fim de que dê luz a todos os que estão na casa.”, pois não há nenhuma manifestação maior de fraternidade do que contribuir para o progresso intelecto-moral dos nossos irmãos e irmãs em humanidade.*

3 – ALGUNS DESVIOS

Quando a Doutrina Espírita foi implantada no mundo terreno, a partir da publicação das obras da Codificação, quem quer que se afirmasse espírita era visto com maus olhos na sociedade, no ambiente de trabalho e até na família, sem contar as perseguições que costumavam acontecer por conta da predominância da Igreja Católica em alguns países e do Protestantismo em outros, isso quanto aos países do Ocidente. Todavia, nesse clima de dificuldades externas, os poucos que assumiam publicamente sua crença normalmente agiam conforme a Ética kardequiana, que repetia a cristã no seu sentido mais puro da verdadeira Moral do Cristo. São exemplos notáveis dessa época as figuras proeminentes na História do Espiritismo, como Léon Denis, Amélie Boudet, Leymarie, Antonio Luiz Sayão, Bittencourt Sampaio e outros tantos.

Todavia, principalmente depois da longa existência material de Francisco Cândido Xavier, por intermédio do qual o Espiritismo chegou a praticamente todos os rincões da Terra, bem como pela oratória inspirada e iluminada de Divaldo Pereira Franco, o número de espíritas se multiplicou em escala geométrica, todavia, infelizmente, muitos sem a priorização da autorreforma moral.

É evidente que a propagação do Espiritismo é salutar e faz parte do Planejamento Misericordioso de Jesus, o Divino Governador da Terra, todavia, por outro lado, é imprescindível que não sejamos meros crentes na reencarnação e nem limitemos a caridade à esmola aos carentes de bens materiais e igualmente não sejamos meros ouvintes de palestras e beneficiários da fluidoterapia e do

passe magnético. O número de espíritas descompromissados com a autorreforma moral é muito grande ainda.

Com a massificação, inclusive muitos Centros Espíritas encontram dificuldade em alertar os frequentadores, sendo que muitos acabam indiretamente contribuindo para a manutenção do que poderíamos chamar de “farisaísmo”, ou seja, a religiosidade apenas exterior.

Os dirigentes dos Centros Espíritas, dependendo do ângulo pelo qual se analise o problema, podem ser considerados corresponsáveis ou não, no mínimo por omissão, por esse estado de coisas. Todavia, como cada um responde perante sua própria consciência pelas suas próprias ações e omissões, somente a Justiça Divina nos analisará e nos dará a aprovação ou reprovação que merecermos.

3.1 – O ELITISMO

Se, quando surgiram os livros da Codificação, relativamente poucas pessoas tinham acesso à instrução e, portanto, às obras espíritas, hoje em dia a realidade é diferente. Em parte justificava-se o elitismo naquela época, apesar da Doutrina Espírita, como o Consolador prometido por Jesus, destinar-se a todas as criaturas humanas, sem distinção alguma, todavia hoje não há nenhum argumento que se possa utilizar validamente para alguém encastelar-se numa torre de marfim sozinho ou em grupos que levem em conta principalmente o nível de instrução, indiretamente incentivando o elitismo.

Francisco Cândido Xavier sempre alertou para o perigo da elitização na Doutrina Espírita, sendo de se imaginar que foi por essa razão que ele próprio nasceu em um ambiente de extrema pobreza e assim viveu sua longa existência, assim mesmo se dizendo de Yvonne do Amaral Pereira, Benedita Fernandes e muitos outros missionários do mais alto gabarito espiritual.

Se muitos ainda não têm condições de compreender mais claramente as questões teóricas, nem por isso as informações devem deixar de chegar até eles, pois o Modelo máximo a ser adotado é Jesus, que falou muito mais aos iletrados e sofrendores que aos doutos e aos Nicodemos do seu tempo.

Sem Jesus na mente e no coração não seremos espíritas-cristãos, mas, no máximo, teóricos da Ciência, da Filosofia e da Religião, mas inúteis até para a nossa própria evolução espiritual. Não se pode justificar o Espiritismo sem Jesus!

3.2 – “A FOGUEIRA DAS VAIDADES”

Quem ainda não realizou a autorreforma moral representa muitas vezes motivo de apreensão ou até de desequilíbrio para os grupos que frequenta, pois, ainda dominado pelo orgulho, egoísmo ou vaidade, ao invés de servir à Causa de Jesus, pretende servir-se dela e das pessoas para a satisfação de seus interesses materiais.

A vaidade é um defeito grave, que nos induz a disputar posições de destaque sem utilidade para o bem comum e, assim, não “colocamos a candeia (da Verdade) sobre o candeeiro a fim de que dê luz a todos os que estão na casa.”, mas sim queremos ser a própria candeia, quando, na verdade, a única Candeia é o Divino Mestre...

Quantos grupamentos espíritas vivem inquietados pela presença de adeptos dominados pela vaidade, causando problemas principalmente para os Dirigentes Espirituais, responsáveis perante os Espíritos Superiores pela boa condução da missão esclarecedora e consoladora do Espiritismo!

A chamada “fogueira das vaidades” representa um desvio que devemos combater em nós próprios, cada um assumindo o compromisso perante a própria consciência de não dar vazão aos impulsos da autovalorização em detrimento da Causa de Jesus, pois foi assim que o Cristianismo desvirtuou-se e assim também muitas correntes religiosas perderam muito do contato que tinham inicialmente com a Espiritualidade Superior.

As personalidades que mencionamos como Modelos no primeiro capítulo deste estudo nunca se deixaram dominar pela vaidade, mas, pelo contrário, sempre adotaram a simplicidade, porque já tinham realizado a autorreforma

moral. Sigamos seus exemplos para nossa consciência aprovar-nos como verdadeiros espíritas!

3.3 – ALGUNS CENTROS ESPÍRITAS SEM SIMPLICIDADE

Sem pretender estabelecer paradigmas para outrem, pois que o único referencial definitivo é Jesus, verifica-se que alguns Centros Espíritas vêm dedicando atenção exagerada ao aperfeiçoamento e conforto do espaço físico. A finalidade da Doutrina Espírita, como Consolador, é a reforma íntima, com nosso esclarecimento intelecto-moral, sobretudo, de acordo com as Lições Evangélicas.

Os ambientes requintados nem sempre são propícios às virtudes, como se sabe inclusive pela experiência comum e pela observação quanto a outras correntes religiosas.

A excessiva hierarquização de algumas entidades; a complexidade da sua estrutura organizacional; a priorização de servidores pelo nível intelectual ou social mais elevado e tudo que represente supervalorização das exterioridades em detrimento da humildade, do desapego e da simplicidade, vem minando, sub-repticiamente, muitos Centros Espíritas.

Atentemos para o nosso próprio íntimo e vejamos se estamos dando a mão apenas a Deus ou se temos algum resquício de conexão com Mamom ou César!

3.4 – APEGO AOS INTERESSES MATERIAIS

“Onde estiver teu tesouro aí estará teu coração”: assim afirmou Jesus, alertando-nos para o desapego, a simplicidade e a humildade.

Não há como enganarmos a própria consciência, que é a porta de entrada dos Olhos de Deus na nossa intimidade.

Se ainda sentirmos forte atração pelos interesses materiais é necessário que nos libertemos dessas amarras através do estudo do Evangelho, que nos fará sintonizar com os Espíritos Superiores pela aquisição das virtudes; da Filosofia Espírita, que nos levará a raciocinar sobre a Ética de Jesus, modificando-nos pela razão e libertando-nos da fé cega, que acaba desembocando na descrença; e da Ciência Espírita, que nos esclarecerá sobre a Verdade, que liberta.

Os atavismos trazidos do passado, quando nos contentávamos com as manifestações exteriores da fé, sem nenhuma mudança interior, ainda nos prejudicam e devemos superá-los no nosso íntimo, pois somente a nossa iluminação interior representa a verdadeira conquista da religiosidade.

A Doutrina Espírita, como o Consolador prometido por Jesus, jogou uma pá de cal em cima do farisaísmo e propõe a autorreforma moral como item mais importante, pois esclarece que nossa pátria verdadeira é o mundo espiritual, enquanto que informa que encarnamos periodicamente para progredirmos intelecto-moralmente na Terra ou outros planetas, mas que nosso único patrimônio é representado pelo que pudermos carregar no nosso íntimo e que nos acompanhará aonde formos.

Não faz sentido vivermos apegados aos interesses materiais!

3.4.1 – AS LOTERIAS

No mundo de regeneração, certamente, não haverão mais loteriais oficiais ou extraoficiais, pois as próprias pessoas quererão ganhar apenas seu próprio salário, como decorrência do trabalho útil e não terão por meta ficarem ricas.

Quanto à primeira afirmação, podemos refletir sobre o que Jesus afirmou: “Eu trabalho e Meu Pai também trabalha.” A respeito do segundo: “É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus.” Pensemos também no seguinte alerta: “De que vale ao homem ganhar o mundo se vier a perder sua alma?”

Não interpretemos as Lições de Jesus ao pé da letra, o que conduzirá a equívocos, mas reflitamos sobre o que pretendemos na nossa encarnação: o progresso intelecto-moral ou os interesses materiais?

Pelo estudo do livro “Nosso Lar”, de André Luiz, psicografado por Francisco Cândido Xavier, ficamos sabendo que no mundo espiritual todos que trabalham, independente da área em que atuam, ganham basicamente idênticos salários e também que ninguém pode adquirir mais de um imóvel, não havendo objetivo algum mais importante que a evolução intelecto-moral dos Espíritos.

Devemos nos preparar para habitar o mundo espiritual, como dito, que é a nossa verdadeira pátria, bem como trabalhar pela evolução da realidade terrena, que deve copiar a espiritual, sob pena de vivermos por ainda por muitos milênios assoberbados de aflições e desajustes provocados pelo apego às coisas e interesses do mundo terreno!

3.4.2 – O SUCESSO PROFISSIONAL

Se analisarmos bem, verificaremos que os missionários mais importantes do Bem não se preocuparam em se graduar demasiadamente em termos da Cultura terrena, pois que já passaram por essa fase há muitos milênios e somente lhes interessa a Ciência do Infinito, ou seja, as Leis de Deus, que regulam o Universo. Poderíamos relacionar muitos desses Espíritos Superiores, mas citemos apenas alguns poucos, a começar por Jesus, o Divino Governador da Terra, que não frequentou nenhuma escola. Falemos também no nome de Sócrates, que era mediano escultor e não consta que tenha se instruído mais do que o necessário para o cumprimento da sua missão de um dos precursores de Jesus; Francisco Cândido Xavier sequer terminou o curso primário, pois tal lhe bastava para a psicografia missionária com Jesus; Divaldo Pereira Franco nunca frequentou uma universidade, porque tal se fazia desnecessário para ser o médium orador e psicógrafo de alta sensibilidade que é; Yvonne do Amaral Pereira conseguia escrever divinamente com os poucos anos de escolaridade que a Espirityalidade Superior lhe programou.

Não se pretende, com esta fala, pregar o desinteresse pela Cultura nem que se condene o progresso no aprimoramento profissional, mas sim que analisemos se nossa prioridade é o aprimoramento intelecto-moral ou a satisfação dos interesses materiais. A consciência de cada um é que pode responder, arcando cada um com as consequências boas ou más das próprias escolhas.

Quantos se desviaram do programa de trabalho seduzidos pelo prestígio passageiro, pela graduação acadêmica cada vez mais alta, pelas promoções na carreira

profissional ou pela aquisição de patrimônio cada vez mais vultoso! Depois de uma vida de luta desenfreada em busca de miragens fugidias, muitos terminam seus dias terrenos sob o guante de doenças psicossomáticas irreversíveis decorrentes da consciência em sofrimento pelos compromissos não cumpridos, assumidos antes da encarnação!

CONCLUSÕES

- 1) Se tivemos a graça de conhecer a Terceira Revelação das Leis Divinas foi com a finalidade de melhor aproveitarmos a atual encarnação, cumprindo os compromissos assumidos no mundo espiritual;
- 2) Sem deixar de valorizar nossos deveres materiais, que são importantes para nossa sobrevivência enquanto encarnados, cumpre-nos compreender que estamos aqui apenas de passagem, não sabendo a hora da partida para a realidade espiritual;
- 3) Nada justifica eventual descompromisso com nossa própria evolução intelecto-moral, que Allan Kardec muito bem esclareceu, orientado pelos Espíritos que lhe dirigiram a tarefa esclarecedora e consoladora;
- 4) Vivemos a época de transição para ingresso na Era da Regeneração, na qual as virtudes irão gradativamente se sobrepondo aos defeitos morais no íntimo de cada habitante do planeta;
- 5) Invistamos na autorreforma moral, pois tal requisito é decisivo para nosso presente e nosso futuro;
- 6) Auxiliemos nossos irmãos e irmãs em humanidade a realizarem idêntica jornada rumo à felicidade, pois o Pai Celestial nos sustenta e Jesus nos orienta, aguardando nossa iniciativa e perseverança.